

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

BLIMUNDA E MARIA DE MAGDALA: MULHERES ENTRE O
PROFANO E O SAGRADO NAS NARRATIVAS DE
JOSÉ SARAMAGO

Dissertação de Mestrado

Elisabete Macedo da C. dos Santos

Banca Examinadora:

Professora Doutora Maria Cristina Batalha (UERJ)
Professora Doutora Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ)
Professora Doutora Teresa Cristina Cerdeira da Silva (UFRJ)

Rio de Janeiro, 2006.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Agradecimentos:

Primeiramente a Deus, este que direcionou-me ao meio acadêmico e permitiu que nesse caminho eu encontrasse pessoas tão iluminadas e sábias,

a meus pais e familiares, que souberam entender minhas ausências e compromissos, estando sempre torcendo por meu sucesso e apoiando-me nesse caminho,

à minha mãe Rosa, pessoa que sempre esteve ao meu lado, nas horas fáceis ou difíceis, contribuindo sempre para a realização dos meus sonhos,

em especial, à minha tia Ivanir, que partiu antes de ver-me realizar um sonho tão especial para nós,

ao meu marido Alberto, pessoa amada que nunca deixou de me incentivar e apoiar, acreditando sempre em minha capacidade e competência,

à minha orientadora Maria Cristina Batalha, mestra tão sábia e doce, que com seu olhar crítico e reto estimulou-me e aguçou ainda mais minha sede de saber,

e aos amigos, companheiros de estudo e colegas de trabalho que sempre incentivaram-me ou auxiliaram-me com pesquisas, empréstimo de livros ou mesmo com a atenção.

SUMÁRIO

Resumo	4
Abstract	5
1. Introdução	6
2. A Herança Medieval da Representação Feminina	11
2.1 - O poder feminino: um estudo antropológico sobre a mulher	15
2.2 - De EVA para AVE: a imagem que se transforma no imaginário cristão	22
3. A Transgressão do Cânone: um passeio pela Nova História de José Saramago	27
3.1 - A Nova História	27
3.2 – <i>Memorial do Convento</i> e <i>O Evangelho Segundo Jesus Cristo</i> : uma opção consciente pelo marginal	32
3.2.1 – <i>Memorial do Convento</i> : a história interagindo com a História	34
3.2.2 – <i>Memorial do Convento</i> vs. <i>Memorial da Passarola</i>	38
3.2.3 – O Evangelho segundo Saramago	43
3.2.4 – O Evangelho segundo Maria Madalena: a influência apócrifa	47
4. As Figuras Femininas situadas entre o Profano e o Sagrado	51
4.1 – O sagrado feminino	53
4.2 – Blimunda: um olhar especial sobre o sagrado	56
4.3 – As contradições do casamento em <i>Memorial do Convento</i> : o anúncio de uma nova teologia no romance	59
4.4 – Maria de Magdala: a mulher-demônio nos domínios do sagrado	66
4.5 – A prostituta vs. a Virgem	68
5. Conclusão	74
Bibliografia	79

RESUMO

José Saramago, em muitas de suas obras, vem apresentando uma forte crítica à religião católica e à herança ideológica que esta deixou para a mentalidade de tantas gerações. Com *Memorial do Convento* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, este autor, além de suscitar questionamentos e reflexões sobre a doutrina religiosa que nos formou, também não deixou de inserir em suas narrativas o forte preconceito que esta manteve em relação à mulher durante tantos séculos. Profundamente oposto à **misoginia** eclesiástica, nosso autor traz, nessas obras, uma outra percepção sobre mulheres que - estando cada qual em uma época e presentes em culturas diferentes - não são mais vistas somente pelo rigoroso olhar do preconceito que diminui, mas que, sobretudo, são ressaltadas pela lupa da verdade, esta que aumenta as características qualitativas em detrimento das quantitativas.

Como objeto de profunda discriminação em sociedades patriarcais, as heroínas saramaguianas não permitem que o preconceito as torne simples peças de um enredo naturalmente machista, mas impõem sua presença provando que o **feminino** também é capaz de impulsionar ações, sendo elas, nesse sentido, a forte presença que desencadeia a intriga dos romances. Desse modo, optando pela margem, nosso autor privilegia **transgressores** (uma prostituta, uma cristã-nova, pobres, heréticos, questionadores), deixando que estes exponham seus valores e sonhos e, em contrapartida, pouco espaço destina aos dominadores em questão.

Assim, ao destacar personagens outrora tão desprestigiados pela História, Saramago promove uma verdadeira inversão de fatos, uma vez que, além de dar voz aos marginais, enaltece mulheres que, ainda que pertençam taxativamente ao campo do profano, muito contribuem para uma melhor visão sobre o campo do **sagrado**.

Palavras-chave: mulher-demônio, misoginia, transgressão do cânone, sagrado vs. profano.

ABSTRACT

José Saramago, in many of his works, has been presenting a strong criticism of the catholic religion and of the ideological legacy that it has left to the minds of so many generations. With 'Memorial do Convento' and 'O Evangelho Segundo Jesus Cristo', this writer, besides raising discussions and reflecting on the religion's doctrine that has formed us, (he) also did not neglect to insert in his narratives the strong prejudice that this doctrine has kept up in relation to women during so many centuries. Deeply against ecclesiastical misogyny, our author brings, in those works, another perception on women that – being each one in one period and present in different cultures – are no longer seen solely by the strict look of prejudice that diminishes, but that, moreover, are stressed by the lens of truth, this that magnifies the qualitative characteristics in spite of the quantitative ones.

As object of deep discrimination in chauvinist societies, the saramagian heroines do not let prejudice turn them into simple pieces of a naturally chauvinist plot, but impose an intense presence, proving that the feminine is also capable of inciting actions, being them, in this sense, the powerful presence that stimulates his novels. Therefore, closing the outer point, our author praises transgressors (a prostitute, a new-christian, the poor, heretics, questioners), letting them expose their values and dreams and, in opposition, little space is given to the dominants in question.

Therefore, when emphasizing characters formerly so discredited by History, Saramago promotes a true inversion of values, considering that besides giving voice to the outlaws, exalts women that, although belonging undoubtedly to the fields of the profane, largely contributed to a better look on the fields of the sacred.

Key-words: woman-demon, misogyny, transgression of the canonical laws, sacred vs. profane.

1. INTRODUÇÃO

Senhoras de si e cidadãs que lutam por melhores condições de vida na contemporaneidade, as mulheres do século XXI são herdeiras de outras tantas que não se deixaram abater ou dominar por ideais retrógrados e machistas que motivaram as sociedades patriarcais do passado. Guerreiras, excêntricas, prostitutas, extravagantes, hereges ou feiticeiras, essas mulheres sempre representaram um grande mal para a civilidade que se pretendia impor aos homens, por isso, estranhas ou não, o comportamento das fêmeas (de todas, cabe ressaltar) devia ser observado por todos assim como se observa o desenvolvimento de uma doença letal.

Tomando como base as *Escrituras Sagradas do Antigo Testamento*, documento no qual se atribui à primeira mulher toda gama de infortúnios herdados por nós, a mentalidade medieval por muitos anos proclamou a mulher como um ser das trevas, isso porque, nascida de uma costela torta de Adão, essa seria naturalmente torta, ou seja, incapaz de atitudes perfeitas ou louváveis. E assim, buscando elucidar melhor sobre a natureza feminina, afirmam os alemães Kramer e Sprenger, inquisidores que escreveram o *Malleus Maleficarum* (livro de caça às bruxas publicado no ano de 1484 com a permissão do Papa Inocêncio VIII): “E tal é o que indica a etimologia da palavra que lhe designa o sexo, pois *Femina* vem de *Fe* e *Minus*, por ser a mulher sempre mais fraca em manter e em preservar a sua fé. E isso decorre de sua própria natureza(...)”.¹

Desse modo, continuamente afastado do convívio com os eleitos – religiosos e fiéis em geral -, o feminino sempre representou o dano, o deslize, a fraqueza, já que é a referência viva daquela que, atendendo a seus instintos naturais, deixou-se encantar pelo demônio e desgraçou para sempre o homem e toda a humanidade descendente dele. Desse modo, Eva e suas descendentes (todas as fêmeas até que se prove o contrário) são aquelas que colaboram com o mal, são as sementes que, de uma forma ou de outra, serão futuramente plantadas para que se colha a queda do homem.

Assim, buscando investigar os resquícios que fizeram do feminino um mal tão danoso à humanidade - pesquisando, principalmente, obras como o *Malleus Maleficarum* (*O Martelo das Feiticeiras*) - e apresentando como este aparece em duas obras ficcionais contemporâneas, o

¹ KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004, p. 117.

presente trabalho tem por objetivo suscitar questionamentos a respeito da caracterização feminina em dois romances do escritor português José Saramago, avaliando, sobretudo, a total inversão com a qual este constrói suas narrativas, pois faz da mulher-demônio – esta que dificilmente aparece prestigiada na ficção – a personagem foco de duas de suas obras. Observando estes romances de Saramago, podemos notar que não são as princesas órfãs, mocinhas ingênuas, ou virgens inocentes que merecem destaque no desenrolar de suas tramas, mas as mulheres sem qualquer passado glorioso ou presente exemplar, visto que, notoriamente pertencentes ao campo do profano, não ilustram um conto de fadas tradicional, mas participam de um romance no qual a centralidade pertence aos ditos marginais e à mulher-demônio – esta que sempre faz o caminho contrário à tradição e que, nessas obras, apresenta-se como verdadeira impulsionadora da narrativa.

Dessa maneira, buscando estabelecer paralelos entre as reflexões surgidas a partir da leitura de *Memorial do Convento* e, também, sobre *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, poderemos verificar que, além da feroz crítica feita à doutrina cristã tradicional – algo já mencionado e provado em diferentes estudos sobre ambas as obras de José Saramago – nestas obras, existe, também, a iniciativa de destacar mulheres que, além de estarem posicionadas no campo do profano, exercem liderança no campo do sagrado, o que permite instalar um redimensionamento na relação existente entre esses dois pólos. Assim agem Blimunda e Maria de Magdala, a primeira, “cristã-nova” e a segunda, rotulada como pecadora.

Parecendo partir de uma perspectiva norteada pela Nova História de Le Goff, antecipada por Michelet, no século XIX, Saramago traz à tona, em seus romances, fatos que foram rechaçados ou pouco explorados pela História tradicional, revelando-os de uma forma um pouco mais precisa e irônica. Nosso autor cita, sim, fatos históricos sustentados pela historiografia canônica, mas, por sua vez, também nos fornece, detalhadamente, o outro lado da História, iluminando, dessa maneira, os campos que eram relegados às margens.

Presentes em romances que parecem buscar uma reflexão acerca dos dogmas cristãos, Blimunda e Magdala (marginais em potencial) não apenas acompanham, mas, sobretudo, influenciam seus companheiros na luta por seus sonhos, sendo esses casais aqueles que realmente têm voz nessas tramas. Sendo assim, por meio de suas personagens, isto é, dando oportunidade ao marginal, Saramago parece subverter o que fora estabelecido, possibilitando, desse modo, que lancemos um novo olhar sobre a História. E assim nos esclarece Ana Paula Arnaut (1999):

O pendor histórico-didático da obra saramaguiana não tem que ver com uma atitude veneradora dos registros do passado, tem, antes, de ser pensado à luz da criação desse mundo possível que o autor pretende instalar. Um mundo possível onde a realidade objetiva é carnavalizada de modo a criar um mundo ficcional, mas verossímil, apesar de subversão de registros religiosos ou apesar de incluir nele o feérico de que se revestem(...).²

Dessa forma, para criar uma literatura aos moldes da Nova História – a história das mentalidades –, Saramago preenche as brechas deixadas pela História oficial, transformando-a e moldando-a por meio de uma interpretação bastante ousada, característica que, sem dúvida, podemos observar em ambas narrativas, visto que oferecem ao leitor um “verdadeiro mosaico de citações e referências que, recontextualizadas, operam, na maioria das vezes, como elementos de ruptura e subversão”.³ Sendo assim, é essa a ruptura que venho observar, já que, como foi citado anteriormente, Saramago deixa de lado o permanente conservadorismo machista e cristão desta e de outras épocas e introduz, ficcionalmente, em seu *Memorial* e em seu *Evangelho*, mulheres que, na sua opinião, ocuparam papel de destaque, cada qual em seu tempo, no que concerne ao advento de uma nova perspectiva histórica e de costumes.

É pertinente ressaltar, ainda, que Blimunda e Magdala, cada qual em sua época, enfrentaram o preconceito e o desprezo de seus contemporâneos (fato que, obviamente, fora devidamente mostrado pelo narrador), entretanto, a elas coube o verdadeiro poder perceptivo, a intuição e, sobretudo, a forte presença desencadeadora e motora da ação – o que, segundo Madruga (1998), é herança de outras mulheres saramaguianas. Neste sentido, Saramago não lhes oferece fragilidade e passividade – algo tão peculiar às mulheres de seu tempo – mas, tão somente, um poder de liderança capaz de romper com todo o dogmatismo pertencente à ideologia cristã, rompimento este capaz de promover verdadeiras mudanças até mesmo na imagem que temos hoje sobre a história da religião.

Segundo a religião de nossos pais, somente a mulher virtuosa deve ser idolatrada, as demais, isto é, aquelas que não se enquadram de acordo com o que uma minoria considera adequado, não merecem ser mencionadas ou mesmo respeitadas – até porque, como está escrito no *Eclesiástico*, 26, “Abençoado o homem que tem uma boa mulher, pois se duplicará o número de seus anos”,

² ARNAUT, Ana Paula. Viagem ao centro da escrita da subversão à irreverência da(s) história(s). In: *Colóquio de Letras*, 1999, p.332

³ LARANJEIRAS, Delzi Alves. Interfaces textuais em O Evangelho Segundo Jesus Cristo, de José Saramago. In: *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, 2002, p.225

visto que, como afirmam Kramer e Sprenger, “para as mulheres de boa índole são muitíssimos os louvores, e lemos que têm trazido a beatitude aos homens e têm salvado nações, terras e cidades”⁴.

Entretanto, ao prestigiar mulheres como Blimunda e Maria Magdala, Saramago rompe com a tradição, já que traz tanto em seu *Memorial* como em seu *Evangelho* mulheres que, embora de comportamento avesso ao ditado pela doutrina, têm papel de destaque em suas narrativas. Uma, cristã-nova e a outra, prostituta, elas são verdadeiras líderes espirituais, uma vez que, com suas idéias, repensam a teologia oficial (ora questionando a doutrina cristã, como fazia Blimunda, ora questionando até mesmo Deus, como fazia Magdala), abrindo espaço para esclarecimentos que a tornam mais humana e, por isso, mais compreensível para aqueles que a querem seguir.

Nesse sentido, ao questionarem os dogmas e a doutrina cristã, essas obras proporcionam uma direta desconstrução de “verdades”, já que, quando apresentam os mitos, o fazem mediante grande questionamento e inversões, pois parecem querer esclarecer o que é continuamente apresentado pela religião sem qualquer preocupação com a verossimilhança. Em *Memorial do Convento* temos, por exemplo, a passagem em que são citados os milagres atribuídos aos freis franciscanos – estando entre eles o da concepção da rainha D. Maria Ana mediante a promessa de um convento em Mafra -, e em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* temos, principalmente, uma diferente caracterização de Jesus – este que se mostra fisiologicamente e espiritualmente mais humano, já que apresenta comportamento, sensações e sentimentos bastante distintos do Cristo mostrado nas Escrituras.

Por tudo isso, percebemos que, apesar de estarem inseridas em um contexto de tanta discriminação e descaso para com a mulher-demônio, estas foram grandes incentivadoras de reflexões e questionamentos no que tange ao campo do sagrado - principalmente, no que diz respeito aos dogmas de uma grande formadora de opinião: a doutrina católica. Assim, buscando também transitar por meandros que concernem ao entendimento do sagrado, o presente estudo observará o sagrado por um outro ângulo, mostrando que este, além de manifestar-se em religiosos propriamente ditos, também pode apresentar-se em pessoas que não pertençam a qualquer doutrina religiosa, libertando-o assim da esfera circunscrita à religião. Assim, para maiores explicações sobre o sagrado fora da religião, estudaremos *O feminino e o sagrado*, obra de Catherine Clément e Julia Kristeva, pesquisadoras que estiveram em muitas partes do mundo

⁴ KRAMER, op. cit. p. 115.

observando diferentes manifestações do sagrado. Propondo um estudo sobre as relações que existem entre a mulher e o sagrado, poderemos notar o quanto o feminino está atrelado a manifestações de caráter verdadeiramente sobrenatural, sendo principalmente as mulheres oprimidas, isto é, aquelas que estão taxativamente posicionadas à margem da sociedade, as que melhor o representam.

Desse modo, ao estabelecermos paralelos entre as pesquisas sobre o sagrado e o estudo sobre as mulheres das obras estudadas, observaremos o quanto a máxima sobre a etimologia da palavra *femina* (esta que deveu-se a uma interpretação misógina dos inquisidores alemães), não está devidamente adequada à natureza feminina. Por meio da leitura que faremos do feminino nos romances de Saramago, notaremos que de *Fe Minus*, passaremos à *Fe Mais*, pois reconheceremos mulheres que têm a fé no sonho, a fé no amor, a fé no companheiro e, sobretudo, a fé em si mesmas.

2 – A HERANÇA MEDIEVAL DA REPRESENTAÇÃO FEMININA

Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa.

WALTER BENJAMIN

Partindo de uma tentativa de afastar a mulher dos seres superiores – os homens, principalmente os eclesiásticos –, a Igreja Católica, durante todo o seu forte domínio no período medieval, empenhou-se em atacar a mulher de forma feroz e contínua, principalmente porque, na sua ótica, a natureza feminina sempre mostrou-se propícia ao envolvimento com o demônio, por serem estas mais impressionáveis ou até mais luxuriosas que os homens – haja vista Eva que, ao deixar-se seduzir pela serpente-demônio, desgraçou a vida de Adão e de toda a humanidade. E, assim, no Gênesis, disse Deus a Adão:

Visto que atendeste a voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás. E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos.⁵

Sendo assim, como podemos observar nessa passagem bíblica, a religião insiste em ver a mulher como a própria encarnação do demônio, depositando na figura feminina, desde já, toda a gama de infortúnios a que o homem pode estar predisposto; nesse sentido, à mulher, por ser da gênese de Eva (fêmea criada de uma parte de Adão e, por isso, naturalmente inferior a ele), cabe o espírito rebelde e perverso de quem, por vingança, busca castrar o homem, seu adversário, com o único poder que sua natureza inferior pode dispor: o poder da magia.

Torna-se recorrente nas escrituras sagradas a existência de uma figura feminina como responsável pela queda de um homem virtuoso e temente a Deus: primeiramente Eva, a principal

⁵ BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Maltese, 1962. (Cap. 3: 17-20)

responsável pelos infortúnios que os homens (humanidade) vêm sofrendo até hoje; Dalila, aquela que desgraçou a vida de Sansão, o valente juiz que fora prometido por Deus como aquele que deveria salvar Israel dos filisteus; e, ainda, Salomé, a enteada do faraó que pediu-lhe como presente a cabeça do profeta João Batista numa bandeja. Seduzindo ou sendo seduzidas, estas mulheres são exemplos daquilo que não se deve seguir ou tolerar, funcionam como verdadeiras representantes da alma feminina, que, segundo o ideário medieval: representam o perverso, a destruição, a crueldade de um demônio descontrolado que fora programado para seduzir e dominar o homem – este criado à imagem e semelhança de Deus. E sobre os infortúnios causados pela mulher, diz Jean Delumeau (2001):

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proibido. O homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher. Como não temer um ser que nunca é tão perigoso como quando sorri? A caverna sexual tornou-se a fossa viscosa do inferno.⁶

Do mesmo modo, também observa Núbia Hanciau (2001) quando fala sobre a tão recorrente mentalidade que insistia em atribuir à mulher tamanha iniquidade, sendo ela, sem dúvida, a maior responsável pela queda do homem:

Da Europa ao Novo Mundo, particularmente dos séculos XIV ao XVIII, o discurso em circulação, em vez de reconhecer na mulher o livre-arbítrio, a força e o conhecimento próprios, preferiu identificá-la, pela sua perfídia ou quando detentora de poder, como criatura terrível, mulher-homem, cuja *hybris* repugnante elimina a mulher-mãe e a mulher-mulher. Instrumento das trevas e do mal, “a natureza a fez feiticeira”, inimiga da Igreja e da elite dominante – logo de toda a coletividade, que interioriza preconceitos, propaga superstições e a persegue. Agente da desordem, a ação da feiticeira a situa em esfera oposta à esfera da santa, da fada ou da Virgem Maria, figuras maternas, tidas como ideais⁷.

⁶ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 314

⁷ HANCIAU, Nubia Tourucô Jacques. *A Feiticeira, Personagem Histórica e Ficcional em Três Escritoras da América Francesa*. Porto Alegre, 2001, p. 1

Dessa forma, apoiando-se em uma misoginia mordaz proveniente da ideologia de então, é que Kramer e Sprenger (1991) escrevem em 1484 o *Malleus Maleficarum*⁸, texto criado para combater a bruxaria e as manifestações demoníacas que tradicionalmente eram atribuídas às mulheres do século XV. “Nesse manual, embora registre que ‘para as mulheres de boa índole são muitíssimos os louvores’, a idéia que sobressai é a de sua maldade e lascívia (...)”⁹, afirma Maria do Amparo Tavares Maleval (2004) sobre o texto dos dois alemães, informando, também, que a sensualidade feminina é interpretada, por excelência, como o principal canal atrativo para a iniquidade. Segundo esse manual, a mulher é verdadeiramente encarada como fonte causadora de malefícios ao homem e a tudo que o cerca, deixando bastante claro, também, que esse mal deveria ser reprimido com grande rigor.

Embora o Tribunal do Santo Ofício visasse ao combate dos hereges de ambos os sexos e as bulas papais não fizessem distinção de gênero ao fomentarem a repressão, a maioria esmagadora dos seus réus era constituída por mulheres. O historiador Jean-Michel Sallman destaca (...) que foram documentados 288 casos de bruxaria no Norte da França entre meados do século XIV e fins do século XVII, numa proporção de 82 mulheres para cada cem casos.¹⁰

Assim, observamos que a iniciativa de aplicar à mulher todo esse imaginário referente à sedução implacável, leviandade, ou mesmo, aos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”¹¹ atribuídos à Capitu de *Dom Casmurro*, são alusões que têm sua raiz na Idade Média, época em que a mulher era condenada à fogueira simplesmente por descender de Eva. Desse modo, inocente ou não no que diz respeito à feitiçaria, a figura feminina merecia ser castigada porque sua presença representava uma grande ameaça à moral e aos bons costumes, chegando a ocorrer, inclusive, a proibição do coito durante o período menstrual, isso porque, como afirma Isidoro de Sevilha “depois de tocar-se em (sangue menstrual) os frutos não brotam, as flores murcham, a relva seca(...) o ferro enferruja, o bronze enegrece, os cães que o cheiram contraem raiva”¹².

⁸ Traduzido e publicado há alguns anos no Brasil com o título de *O martelo das feitiçarias*, pela Editora Rosa dos Tempos.

⁹ MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Representações diabolizadas da mulher em textos medievais. In: DAVID, Sérgio Nazar. *As mulheres são o diabo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 49

¹⁰ Idem, ibidem. p. 47

¹¹ ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora Globo, 1997. p. 53

¹² RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996, p. 33-34

De acordo com Ranke-Heinemann (1996), na Antigüidade, a mulher menstruada representava impureza “e quem a tocar ou o que ela tiver tocado ou qualquer coisa tocada por alguém que ela tocou também ficará impuro”¹³, sendo, até mesmo, proibida a comunhão de mulheres menstruadas durante a Idade Média. Para alguns estudiosos da época, o sangue menstrual era venenoso, já que era capaz de impedir a concepção ou, sendo esta realizada, resultaria em filhos doentes ou que já nascessem mortos. Dessa forma, era comum nessa época que os casais fossem vigiados continuamente, sendo indispensável, inclusive, que o padre perguntasse no confissão sobre as práticas sexuais durante o período menstrual.

Assim, como observamos, apresentada como naturalmente nociva, a mulher, voluntária ou involuntariamente, traz em sua formação infortúnios capazes de causar muitos males, cabendo, nesse sentido, ao homem e à sociedade vigiar a todas, principalmente àquelas que, por qualquer motivo, apresentassem um comportamento inadequado para a época.

¹³ Idem, ibidem. p. 33

2.1 - O poder feminino: um estudo antropológico sobre a mulher

Para que entendamos realmente o porquê dessa imagem tão denegridora da natureza feminina, cabe fazermos uma análise mais aprofundada das questões que formaram tal mentalidade, observando, ainda, que tipo de fatores estiveram veiculados a esse diagnóstico. Dessa maneira, propomo-nos esboçar um breve estudo antropológico sobre a mulher, destacando, principalmente, questões inerentes à sua formação, cultura e posição na sociedade; e, para isso, começaremos por identificar as questões relacionadas à liderança e as questões relacionadas ao conhecimento das primeiras sociedades que se formaram.

Segundo a maioria dos antropólogos, na sociedade em que o homem sobrevivia sem a necessidade da força física (culturas de coleta e caça a pequenos animais), a mulher possuía um lugar central, isso porque, nesses grupos, ela ainda é considerada um ser sagrado, porque a mulher é aquela que pode dar a vida e, por isso, acreditava-se que ela poderia ajudar tanto na fertilidade da terra como na fertilidade dos animais. Dessa maneira, nessa sociedade não havia desigualdade entre sexos, até porque eram as mulheres que, por permanecerem a maior parte do tempo em casa cuidando dos filhos, tinham o poder de proporcionar a cura – por meio de poções e ungüentos - que lhes era transmitido de geração à geração. Como afirma Rose Marie Muraro (2004), na Antigüidade, essas mulheres detinham um saber próprio, sendo elas, portanto, necessárias ao crescimento da sociedade de um modo geral.

Entretanto, é com o surgimento da necessidade da força física (caça aos grandes animais, necessidade de explorar outras terras), que se inicia a supremacia masculina. No entanto, nessa mesma sociedade, a mulher ainda era considerada um ser sagrado, uma vez que os homens desconheciam sua função na procriação (acreditavam que a reprodução era um privilégio oferecido à mulher pelos deuses). Desse modo, surgia, então, a inveja da condição superior das mulheres, isso porque os homens se sentiam marginalizados no processo de perpetuação da espécie. E, como retaliação a essa “inveja do útero”, praticavam-se, nessas sociedades de caça, dois ritos ainda universalmente bastante comuns nesse tipo de comunidade:

O primeiro é o fenômeno da *couvade*, em que a mulher começa a trabalhar dois dias depois de parir e o homem fica de resguardo com o recém-nascido, recebendo visitas e presentes... O segundo é a iniciação dos homens. Na adolescência, a mulher tem sinais exteriores que marcam o limiar da sua entrada no mundo adulto. A menstruação a torna apta à maternidade e representa um novo

patamar em sua vida. Mas os adolescentes homens não possuem esse sinal tão óbvio. Por isso, na puberdade eles são arrancados pelos homens às suas mães, para serem iniciados na “casa dos homens”.¹⁴

Assim, por meio de inserções culturais, o homem foi ampliando seu espaço à medida que a sociedade foi se desenvolvendo. Enquanto as sociedades eram de coleta, havia um regime de cooperação em prol da sobrevivência, não havendo, portanto, coerção ou centralização; entretanto, quando a coleta se torna escassa ou os animais e os recursos naturais vão se esgotando, o homem, necessitando competir para sobreviver, estabelece a *lei do mais forte*, deixando de lado os princípios feminino e masculino que outrora governavam juntos o mundo. O que, antes, poderíamos classificar como um rodízio de lideranças passa a ser encarado como um salto para as futuras sociedades patriarcais.

Enquanto o homem desconhecia sua participação na reprodução, ainda reservava à mulher algum poder de decisão, entretanto, como afirma Muraro:

(...) em algum momento o homem começa a dominar a sua função biológica reprodutora e, podendo controlá-la, pode também controlar a sexualidade feminina. Aparece então o casamento como conhecemos hoje, em que a mulher é propriedade do homem e a herança se transmite através da descendência masculina. (...) A mulher fica, então, reduzida ao âmbito doméstico, perde qualquer capacidade de decisão no domínio público, que fica inteiramente reservado ao homem.¹⁵

Assim, como já foi exposto, as mulheres desse tipo de sociedade – camponesas pobres – possuíam um certo tipo de poder, visto que detinham um saber próprio advindo de experiências com curas por meio de ervas e, também, proveniente da sabedoria popular que umas aprendiam com as outras. Assim, possuidoras de tamanho conhecimento e, além disso, não integrantes do poder que vigorava então (sociedade patriarcal), passam a representar uma forte ameaça àqueles que estavam se formando médicos (homens da ciência) e, sobretudo, àqueles que estavam buscando centralizar o poder do sistema feudal, uma vez que tais mulheres participavam de revoltas camponesas, contribuindo, assim, para dispersão do poder que se procurava implantar. E

¹⁴ MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. In: KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004. p. 6

¹⁵ Idem, ibidem. p. 7

para um melhor esclarecimento sobre tamanha perseguição às mulheres, vejamos a poética observação de Michelet:

Rainhas, magas da Pérsia, esplendorosa Circe! Sublime Sibila! O que vos ocorreu? Que bárbara transformação!... Aquela que do trono do Oriente ensinou virtudes das plantas e a viagem das estrelas, a que no pedestal de Delfos, radiosa do deus da luz, entregou, de joelhos, seus oráculos ao mundo – mil anos depois, é ela que caçam como um animal selvagem, que perseguem nas encruzilhadas, maldita, maltratada, apedrejada, assentada sobre brasas ardentes!...¹⁶

Desse modo, apostando numa destemida centralização do poder e, principalmente, contando com o aval da sociedade feudal, os religiosos da época não economizaram em métodos para a inibição da dita feitiçaria e em punições para as feiticeiras. Sua intenção era identificá-las, torturá-las e eliminá-las, procurando banir da face da Terra qualquer vestígio de insubordinação ou poder paralelo. E sobre isso, nos esclarece Muraro:

A religião católica e, mais tarde, a protestante contribuem de maneira decisiva para essa centralização do poder. E o fizeram através dos tribunais da Inquisição que varreram a Europa de norte a sul, leste e oeste, torturando e assassinando em massa aqueles que eram julgados heréticos ou bruxos. Este “expurgo” visava recolocar dentro de regras de comportamento dominante as massas camponesas submetidas muitas vezes aos ferozes excessos dos seus senhores, expostas à fome, à peste e à guerra e que se rebelavam. E principalmente as mulheres.¹⁷

Dessa forma, a centralização do poder no mundo teocrático fez-se necessária, e essa, como toda forma de domínio, voltou-se para o controle do corpo, da sexualidade e, sem dúvida, para a perseguição às mulheres. Objetivando esse controle, o sistema feudal desejava a obediência (corpo dócil do trabalhador e sexualidade sob vigilância), isso porque acreditava-se que se o homem fosse capaz de controlar o seu corpo, isto é, sua liberdade, este não se rebelaria contra os desmandos do poder vigente. O controle da sexualidade significava o controle do corpo, já que a transgressão sexual implicaria a transgressão da fé e essa, por sua vez, seria propícia a engendrar a transgressão política. Assim, nada mais indicado do que o extermínio do próprio demônio, ou seja, a mulher. A perseguição às mulheres deveu-se ao fato de se acreditar que, por meio delas, o

¹⁶ MICHELET, apud HANCIAU, 2001, p. 95

demônio agiria sobre os homens que se deixassem dominar pelas mesmas – estes, claro, sempre ingênuos e vulneráveis, como destaca ainda Rose Marie Muraro:

E este domínio lhe vem através do controle e da manipulação dos atos sexuais. Pela sexualidade o demônio pode apropriar-se do corpo e da alma dos homens. Foi pela sexualidade que o primeiro homem pecou e, portanto, a sexualidade é o ponto mais vulnerável de todos os homens. E como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, elas se tornam as agentes por excelência do demônio (as feiticeiras).¹⁸

Desse modo, como grande representante da misoginia medieval, a filosofia teocrática, apelando para a fisiologia, sustentava que, por Eva ter nascido de uma costela torta de Adão, nenhuma mulher poderia ser reta, ou ainda, afirmava que, pelo fato de o corpo feminino possuir mais líquido do que o masculino, as mulheres tinham em sua natureza a inconstância e a curiosidade – como podemos observar nas afirmações de Alberto Magno, teólogo do período da Alta Escolástica e mestre de Tomás de Aquino:

“(...)a mulher é menos qualificada (que o homem) para o comportamento moral. Pois a mulher contém mais líquido que o homem, e é uma propriedade dos líquidos fazer com que as coisas subam com facilidade mal se apegando a elas. Os líquidos se movem com facilidade, portanto as mulheres são inconstantes e curiosas. Quando uma mulher tem relações com um homem, gostaria, tanto quanto possível, de deitar com outro homem ao mesmo tempo. A mulher não sabe o que é fidelidade. (...)Por essa razão os homens prudentes partilham de seus planos e ações com qualquer pessoa, menos com as esposas. A mulher é um homem vil e bastardo e tem uma natureza imperfeita e deficiente em comparação com a dele. Portanto é insegura de si. O que não pode conseguir, tenta obter através de mentiras diabólicas. E assim, para abreviar, deve-se estar de guarda ante toda a mulher como se ela fosse uma cobra venenosa e um demônio com chifres. Se eu pudesse dizer o que sei sobre as mulheres, o mundo ficaria espantado...”¹⁹

Portanto, aceitando uma mentalidade que reconhecia o feminino como algo vil e mal formado, acreditava-se que a mulher, além de não conhecer a fidelidade, era capaz de mexer com a magia e, principalmente, capaz das maiores atrocidades possíveis – inclusive copular com o

¹⁷ Idem, ibidem. p.14

¹⁸ Idem, ibidem. p.15

¹⁹ RANKE-HEINEMANN, op. cit. p. 192

demônio para a realização de um desejo. O que, de fato, poderia acarretar diversos malefícios, entre eles a impotência masculina, o estrago de colheitas e doenças em animais.

Segundo José Pedro Paiva (2002), entre as superstições magia e malefício – à primeira vista, tão próximas para nossa compreensão - há uma sutil diferença, visto que a primeira seria responsável por efeitos admiráveis e sobrenaturais, enquanto que a segunda, corresponderia ao ato de fazer mal, isto é, provocar dano a outrem. Assim argumenta Paiva:

Malefício definia-se como a arte de fazer mal a terceiros com a ajuda do poder do Diabo, poder obtido através de um pacto com ele estatuído. Para que um malefício pudesse ocorrer era imprescindível que se associassem três condições. Fazia lei a teoria clássica que sustentava que o malefício resultava da acção conjugada de dois agentes – o poder do Diabo e malícia humana – a que obrigatoriamente se teria que juntar a autorização divina.²⁰

Desse modo, como podemos notar na observação de Paiva, o mal somente poderia ser efetivado mediante a aprovação de Deus. Mas como? Ao escrever sobre a feitiçaria em um país onde o catolicismo foi (e continua sendo) tão operante, tal autor não deixa de mencionar que, em Portugal (como ocorria de forma semelhante em grande parte da Europa: enquanto a parte letrada desconfiava de poderes sobrenaturais o povo os temia), embora se acreditasse em malefícios decorrentes de feitiços de bruxas ou feiticeiros, os lusitanos punham uma ressalva: tais malefícios, sem dúvida, somente surtiriam efeito se Deus permitisse, até porque, afirmar “que semelhantes atos são realizados por bruxas, e sustentar essa opinião, significa não ser católico e sim herege, fundamentalmente”²¹. Sendo assim, encontramos um impasse no que concerne à doutrina cristã, já que baseados em uma doutrina que não admitia que o mal pudesse ser capaz de superar o bem e, principalmente, sendo ilustrados, muitos europeus não aceitavam a idéia de que existiam poderes sobrenaturais capazes de fazer, por exemplo, com que pessoas voassem em vassouras. De acordo com Núbia Hanciau (2001), a Igreja, nesse sentido, por muito tempo mostrou-se muito ambígua pois, ao mesmo tempo que pregava contra a adesão a rituais profanos, defendia sua incredulidade quanto a determinados acontecimentos estranhos narrados pelo povo. E sobre a tal permissão divina tão defendida pelos portugueses, observemos o que considera Paiva (2002):

²⁰ PAIVA, José Pedro. *Bruxaria e Superstição num país sem “caça às bruxas” 1600-1774*. 2 ed. Coimbra: Notícias, 2002. p. 53

²¹ KRAMER, op. cit. p. 49

(...)com a permissão divina o Diabo tem poder sobre a natureza para fazer e terminar tempestades, transferir de um lugar para outro ventos, neves, saraivadas, destruir colheitas, extrair ouro das profundidades da terra ou do mar e poder sobre os corpos humanos para os maleficiar ou curar, para excitar seus sentidos e incliná-los ao amor e ao ódio e ainda para introduzir diabos enormes nos corpos dos homens (...)Os demônios não podiam produzir milagres.²²

Do mesmo modo, também observando as considerações de Kramer e Sprenger em *O Martelo das Feiticeiras (Malleus Maleficarum)*, obra na qual estes inquisidores defendem a luta contra a feitiçaria e a caça às bruxas de uma forma feroz, manifestando, dessa maneira, uma total crença em fenômenos sobrenaturais, também encontramos uma forte alusão a essa permissão que viria de Deus:

Porque as Sagradas Escrituras, na Sua autoridade, dizem que os demônios têm poderes sobre o corpo e sobre a mente dos homens, quando Deus lhes permite exercê-los, ao que se faz alusão explícita em muitas passagens. Enganam-se portanto os que afirmam não existirem coisas como bruxaria ou feitiçaria, ou os que professam tais coisas serem imaginárias ou existirem demônios só na imaginação de ignorantes e de populares, e também os que declaram ser equívoco atribuir a demônios certos fenômenos naturais que acontecem aos homens.²³

Assim, observamos que nada acontece sem a aprovação de Deus, e que Este, sendo Maior e Supremo, jamais permitiria que seu povo sofresse em vão. Desse modo, confirmando o que já fora exposto sobre Portugal, segundo Paiva, muito pouco se tem documentado sobre bruxaria na literatura lusitana e, sobretudo, mesmo havendo condições para que houvesse uma grande repressão às bruxas, pode-se dizer que, nessa terra, não houve caça às bruxas (como ocorrera em boa parte da Europa)²⁴. Por outro lado, em oposição à literatura portuguesa, muito se escreveu no estrangeiro sobre feitiçaria, visto que, ao lermos muitos autores da época, “se constata como eles não só acreditavam na bruxaria como estavam aterrorizados com sua existência”²⁵. E, sobre essas obras, ainda acrescenta Paiva:

²² PAIVA, op. cit. p. 54

²³ KRAMER, op. cit. p. 51

²⁴ Para um melhor esclarecimento sobre o tema, ler *Bruxaria e Superstição num país sem caça às bruxas 1600-1774*, de José Pedro Paiva, obra na qual o português relata com maior minúcia particularidades concernentes ao processo de feitiçaria em terra lusitana, especialmente como esta manifestou-se em relação àquela.

²⁵ PAIVA, op. cit. p. 55

Falavam das bruxas como uma seita organizada de adoradores do Diabo e seguidores das suas ordens, descreviam com cores terríveis as suas reuniões – os sabats – e a infindável série de coisas abomináveis que neles se verificavam, exaltavam as capacidades maléficas das bruxas e a única solução que descortinavam para aniquilar tão danosa gente era a morte.²⁶

Do mesmo modo, ao falar sobre tais reuniões, Hanciau (2001) nos descreve o sabá como uma verdadeira festa profana, que, sob a presidência do Diabo – este, em forma de homem ou bode – acontecia freqüentemente no sábado. Vejamos:

Muitas vezes os rituais relacionavam-se aos ciclos lunares, revelando vestígios de uma antiga tradição chamada festa da “lua cheia” (shabater=cessar), quando a lua cessa de crescer, não havendo nada em comum com o dia do Senhor. O ritual das feiticeiras tem a ver com essa tradição antiga: segundo a lenda, elas partiam montadas em uma vassoura, reuniam-se numa clareira, onde desencadeavam grande tumulto e entregavam-se a cenas delirantes e assustadoras. Esse é o aspecto noturno da simbologia do sétimo dia: quando Deus repousa os demônios se agitam.²⁷

Sobre esse assunto, cabe ressaltar também que, segundo ela, até “hoje acontecem debates para avaliar o papel que o conciliábulo noturno desempenhou na sociedade, na religião, no imaginário e na realidade de uma época”, isso porque, como a mesma salienta, tal ritual representava uma verdadeira transgressão dos ritos e mitos católicos, uma vez que, como o contrário do outro, este ocorria durante a noite e, principalmente, invocava divindades vencidas, “as forças do mal, e caricatura os costumes sociais, procurando encontrar a felicidade sobre a terra”. Felicidade (ou liberdade?), esta, que não era ofertada por uma religião que, como conhecemos, primava pela obediência e pela castração.

²⁶ Idem, ibidem.

²⁷ HANCIAU, op. cit, p. 47

2.2 - De EVA para AVE: a imagem que se transforma no imaginário cristão

Observando as Escrituras Sagradas, podemos perceber a iniciativa eclesástica de reformular a imagem feminina que se tinha no Velho Testamento, uma vez que, de EVA (mulher pecadora e responsável por todos os males e desgraças futuros), ocorre uma transformação para AVE no Novo Testamento - como nos diz S. Jerônimo “e todo pecado de Eva é expungido pela bem-aventurança de Maria”²⁸. E quais características tem Maria, a mulher virtuosa?

Segundo um provérbio de um livro do século XVII, citado por Emanuel Araújo, “há três ocasiões em que a mulher poderia sair de casa durante toda sua vida: para se batizar, para se casar e para ser enterrada.”²⁹ Com ele, observamos o quão machista tornou-se a sociedade dos seiscentos, a partir da idéia que se tinha sobre a mulher virtuosa advinda de séculos anteriores. Automaticamente passiva e disciplinada, pura, religiosa e sem vaidade, são algumas das características que podemos deduzir daquilo que se esperava de uma mulher abençoada, estando, certamente, qualquer mulher que se insubordinasse a isso, propensa a queimar na fogueira da Inquisição. Assim, observamos que nessa mulher “destaca-se claramente a apologia do sofrimento santificador, do radical desprezo pelas vanidades passageiras desse mundo imperfeito, em prol do alcance da vida perdurável para sempre”³⁰.

À mulher virtuosa não caberia, pois, rebelar-se ou, até mesmo, questionar os desmandos que lhe fossem impostos – no caso, pela sociedade, marido, costumes ou doutrina religiosa – mas acatá-los como verdade única, aceitando-os como máximas para sua existência. Acima da mulher está o homem, acima do homem está a Igreja e junto à Igreja está Deus, aquele que fora desobedecido pela mulher e, portanto, aquele que, ainda por misericórdia, lhe oferece uma posição no mundo.

Por outro lado, oposta a essa mulher é a mulher-demônio, aquela que, descendente de Eva, ocupa a pior posição na cadeia da vida. Agindo sempre por seus próprios meios e sendo sujeito de sua vida, essa mulher não aceita sua condição na sociedade e luta por condições iguais: procura ser senhora de sua vida, não se sujeita a homem algum, une-se por amor, enfrenta a família, continua utilizando-se de ungüentos para curar, enfim, rompe com os grilhões da

²⁸ KRAMER, op. cit, p. 116

²⁹ ARAÚJO, Emanuel. *O teatro dos vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. 2 ed. RJ: José Olympio, 1997. p. 192.

³⁰ MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Mulheres “exemplares” no Orto do Esposo. In: *Rastros de Eva no Imaginário Ibérico*. Santiago de Compostela: Edición Laiovento, 1995. p. 73

ideologia cristã na tentativa de deixar de ser um cadáver ideal e ser uma pessoa real (e, tudo isso, ainda que a fogueira esteja próxima!). Por isso, devido a essa insubordinação, essa mulher é encarada como o próprio Diabo, já que, ao buscar ser senhora de si (ao ser diferente das demais), rompe com o poder estabelecido, dirigindo-se às trevas da marginalidade. E sobre isso, nos esclarece Núbia Hanciau (2001):

Em todos os tempos, além de marginalizar, as sociedades foram levadas a diabolizar certas minorias, entre elas, doentes, heréticos, extravagantes, judeus, excêntricos sexuais, detentores de novas verdades, imigrantes, cátaros e as feiticeiras. A vítima, além do clima geral e das condições particulares da época, era julgada primeiramente “estranha”.³¹

Desse modo, observando as considerações acima, podemos notar que, ao vasculharmos documentos antigos sobre a mulher, encontramos uma dualidade que, aos moldes de uma cartilha, servem para ilustrar dois tipos de criaturas: a dama do bem e a dama do mal. À dama do bem são muitos os louvores e créditos e à dama do mal, à bruxa, resta somente a fogueira exorcizante, esta que, ao queimá-la, elimina “o medo e toda a angústia do homem em relação ao feminino”³². Pois, ao discorrer sobre a mulher, o teólogo Alberto Magno nos fala sobre uma insegurança feminina, mas, certamente, os olhos do bom leitor não deixam de observar que, inseguros, são eles próprios.

E assim, sobre os motivos responsáveis por tamanhos pavor e insegurança causados pela mulher, nos esclarecem os inquisidores Kramer e Sprenger:

Alguns homens instruídos propõem o seguinte motivo. Existem três coisas na natureza – as Línguas, os Eclesiásticos e as Mulheres – que, seja na bondade, seja no vício, não conhecem moderação; e quando ultrapassam os limites de sua condição atingem as maiores alturas na bondade e as mais fundas profundezas no vício. Quando governados por espíritos do bem, atingem o acme da virtude; mas, quando governados por espíritos do mal, se comprazem nos piores vícios possíveis.³³

Desse modo, observamos que, quanto à natureza, a mulher é bem mais complexa que “as Línguas” e “os Eclesiásticos” (estes que, nem ao menos, são merecedores de qualquer

³¹ HANCIAU, op. cit. p. 27

³² Idem, ibidem, p. 72

³³ KRAMER, op. cit. p. 113

observação), provando, nesse sentido, o quanto o feminino é capaz de intrigar e assustar os homens, sejam eles homens comuns, instruídos ou celibatários. Sendo os celibatários, principalmente, os que, de forma alguma, poderiam ter contato com as mesmas, já que, como está escrito na segunda epístola pseudoclementina (do Papa Clemente I), “onde o pseudoclemente passa a noite, não pode haver qualquer mulher, nem moça solteira, tampouco mulher casada, nem idosa, nem consagrada a Deus, nem criada cristã, nem pagã, porque só homens podem estar com homens”³⁴.

Com isso, a partir do que fora exposto sobre o desconforto que o feminino causava no homem, principalmente nos religiosos, cabe apresentar aqui uma obra portuguesa escrita na transição do século XIV para o século XV, de doutrinação religiosa, que nos oferece uma boa visão desta época, já que nos revela seus valores, ideologia e mentalidade. E sobre tão importante documento, nos esclarece Maleval (1995):

O *Orto do Esposo* é obra tardo-medieval, de doutrinação religiosa, com tendências vincadamente ascetas, em que as reflexões moralizantes de base aparecem via de regra ilustradas por numerosos *exempla*, em muitos dos quais se focalizam mulheres. Estes, certamente, que muito contribuíam para a persuasão dos leitores-ouvintes, para a compreensão, aceitação e assimilação da “verdade” das abstrações feitas acerca do gênero feminino, respaldadas em autoridades da história bíblica e greco-romana, profundamente misóginas.³⁵

Contendo histórias muito semelhantes às parábolas anunciadas por Jesus Cristo, *O Orto do Esposo* também propõe o ensino do bom comportamento e o contato com a boa moral, pois utiliza-se do *exemplum* medieval, este que, como diz Maleval - retomando as palavras do historiador Jacques Le Goff -, “consistia numa história ‘breve, fábula fácil de ser lembrada’, ‘um pequeno talismã que, se for bem compreendido e utilizado, deve trazer a salvação’, fazendo-se desta forma a chave do paraíso’”³⁶. Desse modo, muito semelhantes a uma lenda, fábula ou parábola, as histórias que compõem o *Orto do Esposo* possuem um caráter mágico e fantasioso, buscando, nesse sentido, atrair a atenção do interlocutor para o que está sendo apresentado e dá a

³⁴ RANKE-HEINEMANN. op. cit. p. 134

³⁵ MALEVAL, op. cit. p. 65

³⁶ Idem, ibidem, p. 67

ele possibilidade de apreender a mensagem que se pretende passar. Assim como observa Maleval sobre a finalidade dos *exempla*:

Colocavam-se, portanto, repetimos, a serviço da persuasão do auditório para a(s) verdade(s) que se desejava firmar, uma vez que constituíam um eficiente meio de comoção, condição imprescindível para o alcance da dita persuasão. Bem como facilitavam a memorização do ensinamento edificante(...)³⁷

Desse modo, assim como uma cartilha doutrinal, o *Orto do Esposo* (orto = livro; esposo = Jesus Cristo) é composto de histórias que focalizam mulheres, dividindo-as entre aquelas que seriam santas e aquela que seriam pecadoras. Numa tentativa de podar pensamentos e direcionar comportamentos, este livro traz fábulas imaginosas sobre o feminino, buscando apresentá-lo à sociedade sob dois prismas bem opostos: a mulher virtuosa e a mulher-demônio. Com isso, ao detalhar a natureza feminina com tanta precisão e firmeza, seria fácil identificar qualquer tipo de anomalia no comportamento feminino sendo, nesse caso, totalmente legítima qualquer tipo de ação que o inibisse. Por outro lado, vale a pena ressaltar, também, a grande dificuldade de se encontrar uma mulher totalmente virtuosa, visto que a “malícia das fêmeas, suas lágrimas falsas, seu instinto assassino”³⁸ seria algo muito peculiar ao feminino – este que é descendente direto da principal pecadora da História. Desse modo, ainda observando as considerações do *Orto do Esposo*, encontramos as palavras de S. João Crisóstomo, autoridade também mencionada por Kramer e Sprenger no *Malleus Meleficarum*, nas quais este defende que o homem não deve se casar. Vejamos então esta citação, tal qual ela aparece na obra dos inquisidores:

“Não há veneno pior que o das serpentes; não há cólera que vença a da mulher. É melhor viver com um leão e um dragão que morar com uma mulher maldosa.”(...) “Toda malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher.” Pelo que S. João Crisóstomo comenta sobre a passagem “É melhor não se casar”(...)”Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza, pintado de lindas cores. Portanto sendo pecado dela divorciar-se, conviver com ela passa a ser tortura necessária: ou cometemos adultério, repudiando-a, ou somos obrigados a suportar as brigas diárias.”³⁹

³⁷ Idem, ibidem, p.66

³⁸ Idem, ibidem, p. 77

³⁹ KRAMER, op. cit. p. 114

Como podemos notar, o que nos parece uma destemida tentativa de enquadrar e/ou afastar a mulher do convívio social, não passa de um empenhado cerco ao feminino, este que, aos olhos do masculino, sempre mostrou-se tão enigmático e continuamente desafiador. É a verdadeira batalha entre o sonho e a castração; esta, defendendo-se do pavor e do medo do desconhecido e aquele, seduzindo para a liberdade.

3 - A TRANSGRESSÃO DO CÂNONE: UM PASSEIO PELA NOVA HISTÓRIA DE JOSÉ SARAMAGO

Da história dos grandes homens e das grandes sínteses, passou-se à História dos povos e das mentalidades, rica mas menos fácil de delimitar.

JACQUES LE GOFF

3.1 – A Nova História

Ao tentarmos delimitar a situação da mulher a partir de documentos antigos, será fácil percebermos o quanto a misoginia influenciou na produção de textos sobre a mesma, isso porque, mediante o poder daqueles que sempre ditaram regras e normas gerais para a boa convivência social – a Igreja Católica e a Santa Inquisição – a figura feminina fora continuamente interpretada como algo advindo (ou nascido) do demônio. Dessa forma, no que concerne à mulher histórica e, estando estes baseados na autoridade tradicional, encontramos, entre outros documentos, manuais de caça às bruxas (*Malleus Maleficarum*), manuais para a boa conduta feminina (*Conselho às Raparigas*) e, ainda, documentos antigos que, baseados também na credence popular, trazem pilhérias ou provérbios sobre o comportamento de algumas mulheres “tortas” e muitas salvas às mulheres de boa conduta (*Orto do Esposo*).

A propósito, cabe ressaltar que as obras mencionadas acima representam, respectivamente, um manual de caça às bruxas escrito no século XV, este encomendado pelas autoridades religiosas da época por causa do grande crescimento de pessoas envolvidas com bruxaria; um livro escrito por um médico francês (Dr. Georges Surbled), no ano de 1956, no qual o mesmo explica a jovens meninas os mistérios de seu corpo e intimidade, deixando claro seu interesse de “salvaguardar as raparigas castas e crentes”; e, por último, temos uma obra destinada a distinguir a mulher virtuosa da mulher sem virtudes. Vejamos, primeiramente, o que diz o Georges Surbled sobre as intenções de seu livro:

Quisemos também manter o princípio da velha moral, dessa moral que já foi guia dos nossos avós, que fez a glória e a honra da nossa terra e nos deu mães incomparáveis. Quisemos ainda, acima de tudo, defender e salvaguardar as raparigas castas e crentes, que são

hoje a alegria dos nossos corações, a honra e o esteio das nossas famílias, e que amanhã serão a salvação da nossa Pátria.⁴⁰

Assim, observamos que, para a mulher sem virtudes, isto é, para aquela sem tais qualidades, não há vez. E o que resta a essa mulher? E o que resta às descendentes de Eva? À mulher-demônio resta o anonimato, isso porque, pecadora como é, deve ser eliminada pela História. Seu nome, sim, quando aparecer, deve servir para representar o herético, ou seja, para causar horror e repulsa por causa do grande mal que cometera – Joana d’ Arc, aquela que se insubordinou, seguindo suas impressões; Maria Madalena, aquela que, mesmo tendo se arrependido, foi prostituta; Eva, aquela que, como mãe de todas as mulheres, desgraçou toda a humanidade porque desobedecera a Deus. Dessa forma, reforçando uma mentalidade totalmente preconceituosa e misógina, a História dos Homens foi escrita, esta que, sem dúvida, não poderia deixar de adotar a mentalidade daqueles que detinham o poder (homens e religião).

No entanto, observamos na historiografia do século XX, o que vem influenciando também a ficção contemporânea, uma tentativa de representar a História sob uma óptica mais abrangente, incluindo um material documental que havia sido deixado de lado pela História tradicional, tal como havia sido concebida no século XIX. Assim, com a iniciativa de vasculhar a História de uma forma um tanto quanto imparcial, a Nova História – também nomeada como a história das mentalidades – ambiciona investigar a pluralidade, ou seja, dar conta do real de uma forma mais diversificada.

(...) a nova história não depende de nenhuma ortodoxia ideológica, ao contrário, ela afirma a fecundidade das múltiplas contribuições e revela que os grandes acontecimentos são, em geral, “apenas a nuvem – muitas vezes sangrenta – levantada pelos verdadeiros acontecimentos”, sobrevivendo antes deles. Estes, por sua vez, têm origem nas mutações profundas da história.⁴¹

Dessa forma, não se pretende mais traçar uma historiografia baseada num discurso unilateral, mas, tão somente, repertoriar a História, englobando elementos sociais, culturais e econômicos salutareis para sua credibilidade. Não se busca mais uma História que se encerra em si mesma e que se constrói sem suscitar questionamentos a respeito dos fatos que ela apresenta como verdade absoluta, mas uma História que rompe com “os quadros tradicionais da

⁴⁰ SURBLED, Georges. *Conselho às Raparigas*. Porto: Ed. Educação Nacional, 1956. p. 7

⁴¹ HANCIAU, op. cit. p.10

narração”⁴², incluindo, simultaneamente, dominador e dominado, numa tentativa de, sobretudo, reencontrar o real.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos.⁴³

Ainda ao que concerne ao trabalho do bom historiador, Georges Duby (1977) salienta que o historiador ideal não é aquele que se encerra em uma “torre de marfim”, deixando de considerar as fontes oriundas do povo, mas, sim, aquele que privilegia o contato com o grande público. E ainda, partindo de um ponto de vista semelhante, encontramos as considerações de Núbia Hanciau (2001) no momento em que esta defende os princípios da Nova História e ainda nos esclarece sobre seus objetivos:

A evolução da sociedade leva os historiadores a debruçarem-se sobre as margens – simples vagabundos, criminosos obscuros, condenados, prostitutas e todos os que, a exemplo das feiticeiras, se serviam das práticas mágicas(...) Na busca da análise das diferenças no comportamento da marginalidade social – dos desarraigados pela revolução industrial – considerado tão significativo e dramático quanto a das grandes personalidades, os novos historiadores, a partir de 1968, encontram nova orientação aos seus estudos.⁴⁴

Assim, observando as considerações dessa estudiosa e ainda percebendo o ponto de vista de um dos precursores da Nova História, não seria difícil compreender o quanto a fonte advinda das margens – isto é, daquele que também tem algo a informar sobre um acontecimento - é importante para a real averiguação de um fato. Segundo Duby (1977), cabe ao historiador considerar o testemunho daquele que assistiu ao fato, sendo as crônicas, nesse sentido, textos narrativos muito ricos e relevantes para a documentação de um acontecimento, isso porque, de acordo com ele, os “textos narrativos ocupam a boca de cena na História”.⁴⁵ E ainda afirma:

⁴² LE GOFF, Jacques, LADURIE, Le Roy, DUBY, Georges e outros. *A Nova História*. Paris: Magasine Littéraire, 1977. p. 30.

⁴³ BENJAMIN, Walter. *Mágica e Técnica. Arte e Política*. 7ª ed. SP: Brasiliense, 1994. p. 223

⁴⁴ HANCIAU, op. cit. p. 23

⁴⁵ DUBY, in LE GOFF, op. cit., p. 43

Ora, é menos a realidade dos fatos que me interessa do que a maneira como as testemunhas, os autores desses grandes textos narrativos tomaram consciência dos factos que relatam. Eu situo a minha observação a um nível que é o do imaginário colectivo. E, neste domínio, os textos dos historiadores antigos não são os únicos dignos de atenção, mas todo o conjunto de documentos em que se revela o imaginário(...) ⁴⁶

Dessa forma, observamos que, para os adeptos dessa Nova História, o que interessa é menos a formalidade de como um fato será abordado e muito mais a reunião dos fatos com uma maior abrangência - esta, sim, seria, para essa História Nova, a verdadeira razão de sua existência. Ainda, segundo Pierre Nora (1977), devido às grandes transformações ocorridas na sociedade, sobretudo por causa das inquietações no sentido de se interrogar o presente, observamos uma grande mudança naquilo que ele nomeia como História Contemporânea, esta que, segundo ele, não significa “uma história cronologicamente definida a partir de uma determinada data.” ⁴⁷; contudo em relação à reunião de novos fatos (história viva) relevantes para a História, algo, enfim, capaz de revolucionar uma concepção histórica já formada por uma história, segundo ele, morta.

A História Contemporânea é quase inevitavelmente uma História cruel, que fere, que faz sangrar, porque rema quase fatalmente contra a corrente da imagem que uma sociedade tem necessidade de construir acerca de si mesma para sobreviver. ⁴⁸

Desse modo, ainda citando Hanciau (2001), cabe observar que essa autora, como grande estudiosa de assuntos sobre feitiçaria, considera Michelet um dos precursores da Nova História, visto que, segundo ela, este muito contribuiu em seu tempo ao que tange à grande revisão de “acontecimentos ligados às feiticeiras à luz da nova história, conferindo o rigor investigativo necessário ao transcurso pela história da feitiçaria” ⁴⁹. E ainda acrescenta:

Michelet situa-se entre os historiadores que cumprem a função de “lentes de aumento” para seus leitores, tornando os objetos mais perceptíveis, mais claros aos olhos (da mente). E demonstra explicitamente adotar – como historiador – a tarefa de ressuscitar as vozes mortas de gerações desaparecidas, sobretudo as que se

⁴⁶ Idem, ibdem. p. 44

⁴⁷ NORA, in LE GOFF, op. cit, p. 53

⁴⁸ Idem, ibdem. p. 54

⁴⁹ HANCIAU, op. cit. 29

perderam para a história tradicional, entendida como a história dos homens importantes e da aristocracia (...)⁵⁰

E assim, tomando por base tudo que fora exposto sobre a História Nova podemos, então, adentrar pelos domínios daquele que também é considerado um historiador - ainda que não se intitule como tal. Com efeito, José Saramago faz de alguns de seus romances uma grande aula sobre o outro lado da história, enfim, nos presenteia com o não dito, com o não vasculhado, com o que fora castrado pela História tradicional e que, na narrativa saramaguiana, é encarado como ponto central – a transgressão e a desconstrução dos paradigmas que definem o conceito de História tradicional e que fornecem o modelo para a História “oficial”.

⁵⁰ Idem, ibidem, p. 21

3.2 – *Memorial do Convento* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*: uma opção consciente pelo marginal

Romancista contemporâneo dedicado a meandros que envolvem as historiografias portuguesa e universal, José Saramago não deixa de utilizar em suas obras uma ironia apurada e mordaz com relação aos costumes, instituições e personagens que cita, visto que, por meio da sátira, busca alcançar um fim moralizante. De acordo com Ferreira (1989:432), em seu *Minidicionário Aurélio*, sátira corresponde à “composição poética que visa a censurar ou a ridicularizar defeitos ou vícios. Escrito picante ou maldizente. Troça, zombaria.” E Saramago, como um bom representante desse estilo, não deixa de tecer severas críticas, mantendo, todavia, um tom cruel e cômico ao mesmo tempo. Ferindo para curar, isto é, utilizando-se da “virtude curativa do riso”⁵¹, Saramago subverte fatos já então consagrados pela História e faz com que a história das mentalidades – aquela que nos fornece documentos imprescindíveis para o preenchimento das lacunas deixadas pela História oficial – surja das cinzas, trilhando, assim, por um caminho que se manteve por tanto tempo obscuro e que agora se pretende iluminar.

Em *Memorial do Convento* e em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Saramago faz essa opção, pois utiliza-se de documentos antigos que lhe permitem caminhar com mais firmeza junto à História. Como homem histórico, não se pretende dono, mas participante desta, visto que, como nos esclarece Nora (1977), há “uma História que é uma língua morta, que só os historiadores é que falam, e há a História Contemporânea, que interessa a toda a gente”⁵².

Desse modo, investindo nas margens, nosso autor não deixa de apresentar em sua ficção o que fora deixado por tanto tempo fora da História. Assim, como herdeiro ideológico dos grandes adeptos da história das mentalidades e afinado com uma literatura moderna que podemos definir como “ficção historiográfica”, Saramago, por meio de suas obras, dá voz ao desconhecido, ao desprezado, ao não ouvido, permitindo-se trilhar por um caminho que, como considera Hanciau (2001):

Não foi fácil o caminho na direção do reconhecimento da margem e das experiências individuais dos *laissés pour compte* no contexto do coletivo. A superação da prática antropológica que tratava o outro como um ser estranho, exótico e primitivo custou a chegar até a história, por longa data mais preocupada com a repercussão e com

⁵¹ BAKHTIN, Mikhail. Rabelais e a história do riso. In: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UNB, 1987. p. 59

⁵² LE GOFF, op. cit., p.53

o relevante. Na sociedade e no livro a margem é vazia, e a figura imprevista do marginal, que nela vem se inscrever, na maior parte dos casos é fugidia, porque desafia os marcos preestabelecidos da razão social. O essencial, e o que a nova corrente pretende neste momento, é que este limite se desloque e modifique no curso da história.⁵³

⁵³ Idem, *ibidem*, p. 29

3.2.1 – *Memorial do Convento*: a história interagindo com a História

Em *Memorial do Convento*, quando nos deparamos primeiramente com o título, percebemos haver uma intenção de contar, por meio da ficção, a história do gigantesco convento-palácio de Mafra. *A priori*, identificamos, no autor, a iniciativa de tratar sobre um assunto tão caro aos olhos lusitanos, já que, construído no século XVIII, e de tão magnânima extensão, tal patrimônio representa, além de proporções de uma grande glória passada, a confirmação de uma promessa feita por el-rei D. João V aos freis franciscanos.

Segundo relatos da História oficial, D. João V, rei bastante famoso por seus caprichos e intolerâncias - estes devido a uma criação jesuítica demasiadamente devotada de atenções e inibidora de obstáculos para realização de suas vontades –, tendo desposado a arquiduquesa D. Maria Ana da Áustria, não estava satisfeito porque esta não conseguia dar infantes à coroa portuguesa. E sobre isso, observa Mendes:

Tinham decorrido três anos após o casamento de D. João V sem que a rainha apresentasse sintomas de dar sucessão à coroa. Os médicos da corte, em presença do que eles classificavam como esterilidade, procuravam, por todos os meios científicos ao seu alcance, provocar a maternidade de D. Maria Ana de Áustria, sendo inúteis todos esses esforços.⁵⁴

Ocorreu então que, encontrando-se o bispo D. Nuno da Cunha com frei Antônio de São José e, tendo aquele rogado ao frade que “encomendasse sua majestade a Deus a fim de lhe dar um herdeiro ao trono”⁵⁵, limitou-se, este, a responder que el-rei teria herdeiros se quisesse. E assim, quando, num outro momento, consultado novamente sobre as palavras que proclamara, explicou, então, o frade de Arrábida: “- Prometa el-rei a Deus erigir um convento na Vila de Mafra e logo Deus lhe dará sucessão.”⁵⁶

E assim ocorreu. Logo após a enunciação de tais palavras, el-rei fez sua promessa e, pouco tempo depois, “a rainha sentia-se mãe e, no dia quatro de dezembro do mesmo ano de 1711, nascia a princesa D. Maria Bárbara, que veio a ser rainha da Espanha.”⁵⁷ Desse modo, confirmando toda a crença de predestinação e glória referente à nação portuguesa, eis que, por

⁵⁴ MENDES, Fernando e TORRES, João Romano. *D. João V, Rei Absoluto* Lisboa: Livraria Editora. p. 72

⁵⁵ Idem, ibidem. p.73

⁵⁶ Idem, ibidem. p. 74

⁵⁷ Idem, ibidem. p. 74

meio da ação divina, mediada, é claro, por um frade franciscano, a coroa lusitana teve sucessão por meio de um “milagre”.

Entretanto, ao relatar essa passagem da história portuguesa, Saramago o faz de uma forma menos romântica e mais crítica, tirando, nesse sentido, toda a ilusão que fora capaz de encantar os sonhos dos portugueses mais ingênuos. Lançando mão de um sarcasmo cruel, nosso autor deixa fluir em sua narrativa as tantas interrogações nunca respondidas pelos historiadores, estes que se deixaram castrar pelos verdadeiros donos da História: aqueles que, como vencedores, sempre apresentaram a História de acordo com seu ponto de vista e interesse.

Eis, então, como Saramago abre seu primeiro capítulo de *Memorial do Convento*:

D. João, quinto de nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje não emprenhou. Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio, que a rainha, provavelmente, tem a madre seca, insinuação muito resguardada de orelhas e bocas deladoras e que só entre íntimos se confia. Que caiba a culpa ao rei, nem pensar, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, das mulheres sim, por isso, são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino bastardos da real semente e ainda agora a procissão vai na praça.⁵⁸

Desse modo, observamos que há, por parte do narrador dessa obra, um interesse por nos revelar coisas que pertenciam ao campo do comentário alheio; a esse narrador, não importa somente o fato histórico, mas, também, os testemunhos daqueles que o vivenciaram, por isso tal passagem nos parece tão viva e apelativa, já que nos traz informações rechaçadas pela História oficial – ou seja, não exploradas por esta - mas, sobretudo, bastante pertinentes para uma melhor compreensão da época (principalmente sobre aquilo que se passava na mente do homem do século XVIII). Sabe-se, sem dúvida, de acordo com relatos históricos dos setecentos, que el-rei D. João V era muito galanteador e famoso por seus inúmeros namoros de juventude (ocorrendo, até mesmo, a necessidade de um casamento para que se acabasse com os escândalos), porém, no *Memorial* de Saramago, não poderia deixar de faltar uma grande ênfase a tal fato, pois, como já foi dito, cada novo fato deve ser encarado com real importância para a história, já que esta não interessa somente a um grupo, mas a toda a gente.

⁵⁸ SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 11

E assim, dedicando-se a nos contar o não dito, o narrador de *Memorial do Convento* nos presenteia com uma outra visão sobre este fato ocorrido no século XVIII, revelando, claro, o que é conhecido como fato histórico, mas que, por causa de uma hipócrita censura, não fora detalhadamente explorado. Aí entram então muitos acontecimentos escandalizantes para a época – muitos, certamente, recheados com a boa ficção – entre eles, os sonhos sensuais de D. Maria Ana com o infante D. Francisco, a provável ausência de milagre no caso sobre a sucessão de D. João V (estando, nessa passagem, embutida a falsa virtude dos frades franciscanos), o erotismo nos autos-de-fé e nas procissões do santo-ofício, como podemos observar na seguinte passagem:

Nas janelas só há mulheres, é esse o costume. Os penitentes vão de grilhões enrolados às pernas, ou suportam sobre os ombros grossas barras de ferro, passando por cima delas os braços como crucificados, ou desferem para as costas chicotadas com as disciplinas, feitas de cordões em cujas pontas estão presas bolas de cera dura, armadas de cacos de vidro, e estes que assim se flagelam é que são o melhor da festa porque exibem verdadeiro sangue que lhes corre da lombeira, e clamam estrepitosamente, tanto pelos motivos que a dor lhes dá como de óbvio prazer, que não compreenderíamos se não soubéssemos que alguns têm os seus amores à janela e vão na procissão menos por causa da salvação da alma do que por passados ou prometidos gostos do corpo. (...) as mulheres reclamam força no braço, querem ouvir o estralejar dos rabos do chicote, que o sangue corra como correu o do Divino Salvador, enquanto latejam por baixo das saias, e apertam e abrem as coxas segundo o ritmo da excitação e do seu adiantamento.⁵⁹

Entretanto, é no momento em que fala sobre a existência dos amores freiráticos (estes que realmente existiram nos seiscentos e setecentos lusitanos, como nos dão prova inúmeros relatos que a História já tem registrados), que nosso autor, tocando num fato real, parece fazer emergir de sua obra todo fundamento ao qual se propõe nesse romance: o toque ficcional na realidade em prol de um possível conhecimento da História. Desse modo, reconhecendo fundamento também nesse fato apresentado por Saramago, observemos as considerações de Ana Harthely (1997) sobre este episódio da história portuguesa:

(...) nos séculos XVII e XVIII, freiráticos eram todos aqueles que – seculares ou religiosos – tinham amores com freiras. Esses amores, que eram não só ilícitos mas sacrílegos, a julgar pelos testemunhos que chegaram até nós foram um fenômeno bastante comum, o que não deixa

⁵⁹ Idem, ibidem . p. 28-29

de ser surpreendente numa sociedade contra-reformista eminentemente repressiva como era a portuguesa.⁶⁰

Costume da época – tempo em que D. João V era rei – os romances e as conseqüências relacionadas a tais acontecimentos (muitas freiras grávidas) não deixaram de ser mencionados por Saramago em *Memorial Convento*, sobretudo o fato histórico de as freiras lusitanas irem às ruas para reivindicarem sua liberdade para o recebimento de visitantes não pertencentes à família.

Agora sairão as freiras de Santa Mônica em extrema indignação, insubordinando-se contra as ordens de el-rei de que só pudessem falar nos conventos a seus pais, filhos, irmãos e parentes até segundo grau, com o que pretende sua majestade pôr cobro ao escândalo de que são os freiráticos, nobres e não nobres, que freqüentam as esposas do Senhor e as deixam grávidas no tempo de uma ave-maria, que o faça D. João V, só lhe fica bem, mas não um joão-qualquer ou um josé-ninguém.⁶¹

Como observamos, Saramago satiriza o ocorrido com as freiras de forma indiscriminada, não deixando, ainda, de mencionar, sempre pelo viés da ironia, o tão comentado (na época) envolvimento que havia entre el-rei e as senhoras então referidas. A esse autor não cabe somente nos recordar – ou, se for o caso, revelar – um fato histórico, mas, principalmente, usar de artifícios que tratem o acontecimento de forma lúdica e burlesca, manifestando, desse modo, algo já comentado por Dimas (1983) - referindo-se, todavia à poesia de Gregório, mas que aqui vale a pena ressaltar – quando salienta que o poeta/autor do século XVII “se incumbe de modificar a receita, acrescentando-lhe porção mais generosa de sal, pimenta e vinagre”⁶². Isto é, exagerando naquilo que a torna (a ela obra ou receita) mais mordaz.

Enfim, como já fora ressaltado anteriormente, Saramago, ao dedicar-se a sua ficção/história faz sua opção – investe no não dito, isto é, abre um maior espaço para o que fora deixado de lado pela história tradicional, trazendo à tona uma outra vertente da sociedade: a obscura, a banida dos anais, a censurada. E esta forma de recontar a História – abolindo a censura -, sem dúvida, está mais próxima da vivacidade da Nova História do que do cânone fechado representado pela História Oficial.

⁶⁰ HARTHELY, Ana. Anatomia de uma anticarta de amor. In: *O Ladrão Críсталino. Aspectos do Imaginário Barroco*, Lisboa: Cosmos, 1997. p. 208

⁶¹ SARAMAGO, op. cit. p. 91

⁶² DIMAS, Antônio. Gregório de Matos Guerra ao português. In: SCHWARZ, R, (org.). Os pobres na literatura brasileira. SP: Brasiliense, 1983, p 14.

3.2.2 - *Memorial do Convento* vs. *Memorial da Passarola*

Assim, como o episódio histórico da construção do convento de Mafra é dessacralizado pela voz que Saramago empresta aos que contavam “uma outra história”, com a leitura desse romance, percebemos que, estando Saramago decidido a explorar a história das mentalidades, como princípio estético para sua ficção, este faz assim sua opção, deixando de lado a história do convento e passando a explorar a da passarola – esta que, como o contrário do outro, não representa o sonho do dominador, mas, sem dúvida, o sonho do dominado. Optando assim pelo marginal, o narrador desse *Memorial* deixa de privilegiar o que concerne às elites e passa a privilegiar o que diz respeito ao marginal. Mas como?

Apesar de estar relatando fatos históricos tão relevantes para a formação da cultura e nação portuguesas, o narrador de *Memorial do Convento* deixa bem clara sua opção: a (des)construção da História. Observamos, assim, uma nova proposta de leitura sobre o século XVIII, proposta, esta, que nos põe em contato com um outro lado dos setecentos – tempo em que razão e ciência penetravam nos domínios da religião e do poder absolutista e permitiam que o homem pudesse sonhar – embora, como sabemos, a fogueira da Inquisição estivesse pronta para eliminar todo e qualquer tipo de manifestação contrária à doutrina cristã. E, para bem representar os conflitos pertencentes a essa época, Saramago dá ao sonho científico de um religioso (à passarola de padre Bartolomeu Lourenço) uma boa parte da centralidade de sua trama.

Idealizador do objeto voador, padre Bartolomeu Lourenço, irmão de Alexandre de Gusmão (insigne diplomata e estadista), além de capelão da casa Real, é conhecido pela história lusitana como um religioso dedicado “desde muito novo, à física e à mecânica”⁶³, ciências que o levaram à produção de inventos maravilhosos. E, além disso, por meio de relatos oficiais, nos é passado que “a 8 de agosto do mesmo ano (1709), com a assistência de el-rei e da corte, Bartolomeu Lourenço de Gusmão realizou uma interessante ascensão na sua Passarola, como a designação vulgar tornou conhecido o primeiro aerostato”⁶⁴. Segundo José Hermano Saraiva (1991), tal predileção pela experiência e pelo método científico, estes, sobretudo, oriundos do contato com os estrangeirados (indivíduos que traziam de suas viagens ao estrangeiro novidades que acreditavam salutar para o desenvolvimento de Portugal) é algo que fora capaz de seduzir os mais cultos dessa época, chegando a afirmar, ainda, que:

⁶³ MENDES, op. cit., p. 224

Há tertúlias literárias onde se fazem experiências de física; é a época da instalação dos primeiros pára-raios; o invento da passarola do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão é um dos muitos episódios desse movimento de curiosidade científica.⁶⁵

E é, justamente, a esse “movimento de curiosidade científica” que nosso autor privilegia em seu romance. Saramago deixa de lado os caprichos de um rei mimado que sonha com um gigantesco edifício, este, “de proporções que excediam de longe tudo quanto até então se edificara em Portugal”⁶⁶ e traz, realmente, à tona, as perspectivas científicas de um religioso que, curiosamente, como salienta Mendes, fora interpretado como herege em sua época. Afirma ele que:

(...) hoje, Lourenço de Gusmão seria declamado como benemérito da ciência. Naquele tempo, porém, ainda não; e a Passarola valeu-lhe uma perseguição tenaz dos intrigantes e estúpidos, que atribuíam à invenção da máquina a entendimentos secretos do seu autor com o demônio.⁶⁷

E assim, ao optar pela transgressão, esse *Memorial* nos apresenta um religioso que estabelecia um livre acesso entre mundos diferentes – ora estava com el-rei ora estava com os marginalizados, ora pertencia ao mundo do dogma, ora caminhava para o mundo da ciência – enfim, “que padre é este padre”⁶⁸, questiona-se Baltasar. E nós leitores, como este, também nos deparamos com essa interrogação quando tomamos conhecimento de uma figura tão complexa como essa, visto que sua conduta, ainda ao início da narrativa, é oscilante – apesar de estar continuamente com el-rei (patrocinador de sua invenção), assiste ao auto-de-fé ao lado de Blimunda, mulher cuja mãe está sendo degredada por haver sido acusada de feitiçaria.

Entretanto, no momento em que consola Blimunda, percebemos que padre Bartolomeu nos revela o lado pelo qual realmente optou:

Não somos nada perante os desígnios do Senhor, se ele sabe quem somos, conforma-te Blimunda, deixemos a Deus o campo de Deus, não atravessemos as suas fronteiras, adoremos deste lado de cá, e

⁶⁴ Idem, ibidem. p. 226

⁶⁵ SARAIVA, José Hermano. *História Concisa de Portugal*. Publicações Europa-América, 1991. p. 245

⁶⁶ Idem, ibidem. p. 242.

⁶⁷ MENDES, op. cit., p. 227.

⁶⁸ SARAMAGO, op. cit., p. 59

façamos o nosso campo, o campo dos homens, que estando feito há-de querer Deus visitar-nos, e então, sim, será o mundo criado.⁶⁹

Sendo assim, podemos notar que padre Bartolomeu se iguala ao homem do mundo. Este abdica de sua posição de religioso (de homem que, “por direito e posição”, está mais próximo de Deus), vindo a manifestar o desejo de criar, na Terra, um novo mundo - “o campo dos homens” - um mundo que até mesmo Deus quererá visitar.

Dessa maneira, Saramago nos apresenta padre Bartolomeu, religioso que não possui “pecados” de ordem carnal (como era de costume entre os de sua classe), mas que os tem se nos colocarmos do ponto de vista de uma ordem espiritual, promovendo assim uma inversão dos valores. Este religioso não fazia parte da depravação costumeira que existia naquela sociedade, mantinha-se distante da hipocrisia e da corrupção que vigorava dentro da Igreja, mas, por outro lado, alimentava sonhos que contrariavam a natureza: almejava voar. Que ousadia!

Sim, quanta heresia! Padre Bartolomeu pretendia voar, tencionava atravessar os limites do homem e chegar aos céus, “aonde até hoje apenas subiram Cristo, a virgem e alguns santos”⁷⁰. E, junto a duas outras personagens, que fogem dos padrões religiosos e morais da época, constrói um monumento que, na narrativa de Saramago, rouba o espaço da monumental construção que dá título ao presente livro.

Optando pelo profano (passarola), o romance deixa de lado o sagrado (convento), permitindo que o sonho, a vontade e os projetos que vão além dos domínios da Igreja ganhem espaço. Sendo esta, segundo Teresa Silva (1989), a maior heresia desse romance, isto é, a concentração do discurso sob a ótica daqueles que transgridem o poder.

Na prioridade que o discurso concede ao ficcional já vimos como a passarola foi privilegiada ao longo do romance. A construção do convento é parcialmente escamoteada, enquanto a construção da passarola é acompanhada passo a passo, e só depois que assistimos à sua ascensão e à sua queda, o convento garante a liderança da narrativa. Entretanto, ainda assim, essa liderança é ilusória, pois mais uma vez a passarola rouba para si o privilégio do olhar do narrador e o momento, supostamente climático, da construção do convento – a sua sagração – é roubado ao leitor que, em seu lugar, vai ser informado sobre o destino de Baltasar, que voara na passarola(...).⁷¹

⁶⁹ Idem, ibidem p. 53

⁷⁰ Idem, ibidem. p. 86

⁷¹ SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. Memorial do Convento ou a História da Repressão da Utopia. In: *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989 p. 97

A transgressão do poder em *Memorial do Convento* permite-nos constatar a opção por um tipo de ideologia revolucionária que rompe com a tradição e com o conservadorismo religioso da época. Saramago cria personagens que, apesar da imagem rebelde, são pessoas que respeitam suas próprias regras, agem de acordo com suas convicções e desejos, lutando por aquilo que acreditam. Bartolomeu, Baltasar e Blimunda – e a escolha dos nomes com a mesma letra inicial não nos parece gratuita – são representantes de uma nova trindade, trindade esta que traz uma nova proposta: a liberdade, seja ela de crença, de expressão, de vontade, de sonho, do corpo... enfim, de tudo aquilo que é constantemente reprimido pela Igreja (por aquela que se diz defensora e seguidora da verdadeira Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo). Segundo as reflexões de padre Bartolomeu e de Domenico Scarlatti, a ação conjunta dessa nova trindade possibilitaria a realização de um sonho – o vôo da passarola:

Não irei revelar o segredo último do vôo, mas, tal como escrevi na petição e memória, toda a máquina se moverá por obra de uma virtude atractiva contrária à queda dos graves, se eu largar este caroço de cereja, ele cai para o chão, ora, a dificuldade está em encontrar o que faça subir, E encontrou, O segredo descobri-o eu, quanto a encontrar, colher e reunir é trabalho de nós três, É uma trindade terrestre, o pai, o filho e o espírito santo, Eu e Baltasar temos a mesma idade, trinta e cinco anos, não poderíamos ser pai e filho naturais, isto é, segundo a natureza, mais facilmente seríamos irmãos (...) Quanto ao espírito, Esse seria Blimunda, talvez seja ela a que mais perto estaria de ser parte numa trindade não terrenal...⁷²

Eis então a trindade terrestre abençoada pelo romance. Trindade, esta, composta por um ex-soldado maneta, por um padre que contesta a doutrina à qual está atrelado e, ainda, por uma “cristã-nova” (que, ainda que condenável pela Igreja, é, segundo padre Bartolomeu, a prova humana de uma natureza mais próxima do espiritual).

Realmente, Blimunda é uma mulher diferente, pois é a única que tem a capacidade de enxergar e não somente a de olhar como os demais. E o que vê Blimunda? Blimunda é aquela que percebe que o sagrado enquanto religião institucionalizada representa o domínio repressivo dos instintos do corpo individual e do corpo coletivo. E assim, junto a essa nova trindade de luz e, sendo a lamparina que clareia os caminhos pelos quais esse romance pretende trilhar, passa por cima do poder supremo do Rei e da Igreja, que prima pela igualdade de todos, nos proporcionando uma nova história sobre os setecentos lusitano, provando que, por meio de

⁷² SARAMAGO, op. cit, p.164-165.

inserções da história viva, a História dos homens pode ser remodelada. Desse modo, lançando mão de uma escrita subversiva, Saramago faz com que uma outra concepção de história surja: a história escondida, marginal, não mostrada e, principalmente, sempre banida dos cânones pela ideologia dominante. Porque o que interessa ao nosso autor não é enaltecer heróis ou fatos que corroboram para a sustentação de uma História oficial visivelmente reduzida, mas abrir um enorme parêntese para o não contado e/ou mal contado, primando por uma História mais crítica e contestatória, que promova a desconstrução daquilo que era percebido como verdade, favorecendo assim uma releitura crítica do passado e, por conseguinte, abrindo uma perspectiva nova para o entendimento da atualidade.

3.2.3 – O Evangelho segundo Saramago

Apostando em um enredo altamente subversivo, Saramago, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, conta a vida de Jesus (personagem histórico), misturando os escritos canônicos com os escritos apócrifos, estes que, sem dúvida, deixados de lado pelas Escrituras oficiais, estiveram sempre à margem da história do cristianismo. Como já fora exposto, nosso autor, ao retomar um fato histórico, deixa emergir também o marginal, tornando os testemunhos paralelos uma nova fonte para a produção de sua História-ficção, afinado com a ficção historiográfica que caracteriza uma nova vertente da literatura contemporânea. Esta, assim, não é mais descrita por um único observador, mas, principalmente, encarada sob diferentes óticas, mostrando, nesse sentido, como a História, enquanto testemunho vivo, é plural.

Saramago tem manifestado a sua intenção de ‘corrigir a história’, isto é, ‘introduzir nela pequenos cartuchos que façam explodir o que até então parecia indiscutível: por outras palavras, substituir o que foi pelo que poderia ter sido’, podemos pensar que faz parte de seus planos não apenas rever a história de seu país, mas também rever a história da religião cristã, ou seja, também neste caso ‘substituir o que foi pelo o que poderia ter sido’.⁷³

Desse modo, penetrando pelos caminhos iluminados pela História Nova, Saramago traz à tona um *Evangelho* (como o intitula) segundo Jesus, no qual este não é mais uma mera personagem sagrada descrita por outros, mas, sim, apresentada por um narrador que a revela não somente como santo, mas também como homem. Como podemos observar, a este narrador não interessa mais um ícone morto, porém um Jesus vivo, isso porque, somente por meio do homem, enquanto ser pensante, a história poderá ser realmente revelada. Assim, Saramago “mais uma vez dialoga com o propósito de desmitificar a História oficial, neste caso a sagrada, apresentando uma versão humanizadora dos acontecimentos”, já que, oferecendo maior densidade psicológica às suas personagens, dá “cores à vida de Jesus, de Maria, de José, de Maria Madalena (ou de Magdala), de Pedro, de Judas, de Deus e do Demônio”⁷⁴.

E aquela de José, que ao princípio, vendo os factos pelo lado optimista, parecia fazer parte de um desígnio transcendente para

⁷³ BUENO, Aparecida de Fátima. *O Evangelho Segundo Saramago*. In: *Cânones & contextos 5 Congresso Abralic – Anais*. Rio de Janeiro: 1998. p. 700

⁷⁴ CALBUCCI, Eduardo. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo: Entre a Glória e a Blasfêmia*. In: _____. p. 71

salvar as inocentes criaturas, afinal não serviu de nada, pois o nosso carpinteiro ouviu e calou, foi a correr salvar o filho e deixou os dos outros entregues ao fatal destino(...) Por isso José não dorme, ou sim dorme e em ânsias desperta, atirado para uma realidade que não o faz esquecer-se do sonho, a ponto de poder-se dizer que, acordado, sonha o sonho de quando dorme, e, dormindo, ao mesmo tempo que procura fugir-lhe, já sabe que é para tornar a encontrá-lo, outra vez e sempre, este sonho é uma presença sentada no limiar da porta que está entre o dormir e o velar, saindo e entrando José tem de enfrentar-se com ela.⁷⁵

Dessa forma, observando as considerações de Calbuci (1999) e, certamente, reconhecendo-as em passagens da obra, podemos constatar que este *Evangelho* traz personagens históricas que são reinvestidas no romance de Saramago como personagens ficcionais de maior densidade. Nesse romance, as personagens nos são apresentadas de forma completa, ressaltando seus medos, ânsias, comportamento, virtudes, defeitos, enfim, nosso narrador trata-as como seres psicologicamente formados e não como simples fantoches que corroboram um mito. No fragmento destacado acima, por exemplo, notamos um José que, além de padrasto de Jesus, é um homem que se martiriza por uma culpa que sente – carrega uma enorme culpa por não ter avisado aos outros pais sobre a execução de recém-nascidos que o rei Herodes estava preparando –; desse modo, “recheando” as escrituras, Saramago vai além, pois não se limita a descrever José como um simples carpinteiro. E, assim, como não poderia ser diferente, também ocorre com a apresentação de Jesus: Salvador, sagrado, sábio, homem, jovem, criança..., enfim, do mito extrai-se o homem e a partir do homem desconstrói-se o antigo mito.

E não tanto por de Jesus se tratar, mas porque todo o ser humano tem por diante, em cada momento da sua vida, coisas boas e coisas más, atrás de umas, outras, atrás de tempo, tempo. Sendo Jesus o evidente herói deste evangelho, que nunca teve o propósito desconsiderado de contrariar o que escreveram outros e portanto não ousará dizer que não aconteceu o que aconteceu, pondo no lugar de um Sim um Não, sendo Jesus esse herói e conhecidas as suas façanhas, ser-nos-ia muito fácil chegar ao pé dele e anunciar-lhe o futuro, o bom e maravilhoso que será a sua vida, milagres que darão de comer, outros que restituirão a saúde, um que vencerá a morte, mas não seria sensato fazê-lo, porque o moço, ainda que dotado para a religião e entendido em patriarcas e profetas goza do robusto cepticismo próprio da sua idade e mandar-nos-ia passear.⁷⁶

⁷⁵ SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.124.

Desse modo, observamos que Saramago ficcionaliza um personagem que está presente em outros três níveis de relatos: o mítico, o religioso e o histórico. Conhecemos que Jesus, personagem histórico, muito colaborou para a transformação do homem moderno, visto que, como negociador, promoveu a transição entre o homem guerreiro do Antigo Testamento e o homem pacífico do Novo Testamento. De “olho por olho e dente por dente” – expressão que bem simboliza o pensamento do homem que vivia na era pré-cristã -, com o advento do cristianismo, passou-se para “Ao que te bate em uma face, oferece-lhe também a outra”⁷⁷, graças a esse Jesus negociador que lutou pela mudança do mundo, ensinando humildade, misericórdia, obediência a Deus e, principalmente, o amor ao próximo.

E assim, dando sua interpretação a essas novas leis comportamentais, cria-se a religião, esta que sustenta-se a partir da imagem de um Jesus religioso, este que, como exemplo de resignação e misericórdia, tornou-se um mito, denominação que, para Mircea Eliade (2004), caracteriza uma “história verdadeira e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado exemplar e significativo”⁷⁸. Desse modo, podemos concluir, a princípio, que o comportamento atribuído ao Jesus histórico permitiu o surgimento de um Jesus sagrado, este que, por sua vez, se reproduz no religioso e no mítico.

Como pudemos avaliar então, ao lado do Jesus religioso, temos o Jesus mítico, este que, personagem principal de uma história sobrenatural (onde há uma concepção maravilhosa, milagres, morte e ressurreição) corrobora para uma historiografia divina, na qual ele é o herói - visto que tem poderes, sentimentos e comportamento especiais. Por outro lado, esse mesmo mito reforça a personagem religiosa que se pretende idolatrar, já que, como afirma Eliade (2004):

“Viver” os mitos implica, pois, uma experiência verdadeiramente “religiosa”, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana. A “religiosidade” dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, autoral, impregnado da presença dos Entes Sobrenaturais.⁷⁹

⁷⁶ Idem, ibdem, p. 239-240

⁷⁷ BÍBLIA SAGRADA, op. cit. Lucas 6 – 29.

⁷⁸ ELIADE, Mircea, *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.7

⁷⁹ Idem, ibdem, p. 22

E o que faz a Igreja Católica senão reatualizar e/ou ritualizar os feitos de Jesus? Com o objetivo de evocar a presença de um ser tão supremo e divino, os ritos aparecem na missa católica com o propósito de possibilitar o contato do homem com o sagrado, isso porque, como afirma Eliade (2004), quando um indivíduo evoca a presença de personagens de um mito, torna-se contemporâneo deles, ou seja, torna-se especial porque manteve contato com eles (por exemplo, o momento da Comunhão durante a missa católica, tempo em que os fiéis têm contato com Jesus Cristo, este que é apresentado a eles na Eucaristia). Assim, como ressalta Mircea Eliade:

Isso implica igualmente que ele deixa de viver no tempo cronológico, passando a viver no Tempo primordial, no Tempo em que o evento *teve lugar pela primeira vez*. É por isso que se pode falar no “tempo forte” do mito: é o Tempo prodigioso, “sagrado”, em que algo de *nov*o, de *forte* e *significativo* se manifestou plenamente. Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais freqüentemente possível, assistir novamente ao espetáculo das obras divinas, reencontrar os Entes Sobrenaturais e reaprender sua lição criadora é o desejo que se pode ler como filigrana em todas as reiteraões rituais dos mitos.

Dessa maneira, observando a narrativa de Saramago sobre Jesus, percebemos o quanto nosso autor deixa de reiterar a perspectiva divina de nossa personagem e passa a mostrá-la de forma mais humana. Enquanto que os escritos canônicos buscam sacralizar a imagem de Jesus, Saramago busca tão somente revelá-lo como homem - divino, sim, mas também comum, um Jesus mais próximo de nós, ou seja, um Jesus mais humano. Sabemos que pouco se diz na Bíblia sobre a vida de Cristo até os trinta e três anos (momento em se mostra realmente sagrado), entretanto, conhecendo bem sua história, nosso autor parece querer iluminá-la melhor, ou seja, esclarecê-la, recheando-a a partir de uma outra visão, visão esta que, como sabemos, parece não querer compactuar com uma história ditada por uma ideologia alienadora e dominante. Visto que prima pela busca de verdade e pelo questionamento que caracterizam a História Nova – essa que se interessa pelos fatos plurais e não somente por um pensar singular – Saramago, por meio da ficção, permite-nos explorar um outro *Evangelho*, não um documento escrito e/ou revelado por outros, mas a vida de Cristo contada por ele mesmo.

3.2.4 – O Evangelho segundo Maria Madalena: a influência apócrifa

Como fora exposto anteriormente, apoiado na perspectiva da História Nova, também em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Saramago utiliza - em pé de igualdade – canônicos e apócrifos; aqueles, proporcionando organização ao roteiro já conhecido e estes, trazendo à tona um “recheio” outrora dispensado. Sendo assim, como afirma Rouanet (1998), Saramago revela histórias que, na História, possuem brechas para que sejam preenchidas, ainda salientando que “se há encaixe onde houver brechas(...), rompe-se a continuidade”⁸⁰, provando desse modo o quanto a novidade é imprescindível para o entendimento dos fatos. Sobre o que acrescenta também Laranjeiras (2002), quando diz que o texto de Saramago não se limita a dialogar com os evangelhos, mas “apresenta ao leitor um verdadeiro mosaico de citações e referências que, recontextualizadas, operam, na maioria das vezes, como elementos de ruptura e subversão em relação à mensagem doutrinária contida nos evangelhos canônicos”⁸¹.

Dessa forma, tratando-se de um evangelho escrito segundo o próprio Jesus e sendo, no romance, Maria de Magdala sua amada e seguidora, nada mais natural do que aproveitar os escritos apócrifos desta (Maria Madalena) para o enriquecimento de sua ficção. Nesse *Evangelho*, Saramago nos mostra a intervenção de Maria de Magdala, mulher e prostituta que, nesse romance, é aquela que, além de ser companheira e amada de Jesus, o reconhece, em primeiro lugar, como o Salvador – como o abençoado Filho de Deus tão esperado por seu povo.

Desse modo, transgredindo o andamento de fatos já então estabelecidos, nosso narrador, ao tentar trazer-nos um evangelho mais voltado para o humano do que para o espiritual, parece utilizar como base o evangelho apócrifo de Madalena, este, sem dúvida, abolido do cânone das *Escrituras Sagradas*. Isso porque, o cânone bíblico formou-se a partir de uma seleção cujo critério reconhecia que um livro “que não era usado por muitas comunidades tinha menos valor que aquele que era amplamente conhecido” e, obedecendo, também, ao fato de determinado livro ser considerado inspirado e outro não; entretanto, nessa história, “também não deixaram de entrar em jogo os interesses das lideranças cristãs e judaicas”.⁸² Dessa forma, tudo o que fora escrito

⁸⁰ ROUANET, Maria Helena. “Em pedaços de encaixar: leitura de Memorial do Convento de José Saramago. In: *Colóquio Letras*, n 101, jan/fev – Lisboa, Ed. Nobar, 1998. p. 63

⁸¹ LARANJEIRAS, Delzi Alves. Interfaces textuais em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. In: *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, v. 22 n 30 jan/jun – 2002. p. 225

⁸² FARIA, Jacir de Freitas. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 14

(cartas, coletâneas de frases, narrativas de criação e profecias apocalípticas) e que, por sua vez, não integrou-se à coletânea tradicional, designa-se como escritos apócrifos.

Não exageramos quando afirmamos que os apóstolos, humanos como nós, disputaram o poder de mando na comunidade. E nessa batalha, as mulheres foram deixadas de lado. Embora muitas delas tenham feito valer sua opinião, elas foram desprezadas. Até o século II da E.C., entre grupos de cristãos gnósticos, as mulheres exerciam mistérios de direção nas comunidades (mestras, sacerdotisas). Depois disso, era considerado herege quem concedesse poder às mulheres.⁸³

Assim, considerando que toda história é contada pelos vencedores, torna-se fácil perceber o porquê de o *Evangelho de Maria Madalena*, ou de Magdala (já que esta é originária da cidade portuária de Mágdala, por isso o nome adotado no romance), não fazer parte do cânone e o conhecermos, hoje, como apócrifo. Entretanto, em *O Evangelho* de Saramago, Magdala não é mais posta à margem, mas colocada como uma personagem de destaque e impulsionadora do romance. Desse modo, dá-se, nessa obra, uma grande inversão dos fatos, já que, de acordo com a Bíblia, Madalena/Magdala era uma prostituta arrependida (mas prostituta) e, além disso, nunca se cogitou a hipótese de haver uma mulher na vida de Jesus que não fosse sua mãe – a mais (ou a única) virtuosa entre as mulheres. Todavia, nesse romance, é Maria de Magdala que, além de salvar Jesus de uma chaga (como ele também a salva da sua), o liberta da contínua indecisão pessoal, fazendo-o refletir sobre si mesmo, quando, num primeiro momento, lhe diz “Tu não sabes quem és”⁸⁴.

De acordo com os escritos do *Evangelho de Maria Madalena* - este, encontrado, em 1945, por camponeses egípcios em um jarro acidentalmente desenterrado – e em outros (*Pistis Sophia*, *Perguntas de Maria*, *Evangelho árabe da infância do Senhor*, *Evangelho de Filipe*, *Evangelho de Tomé*, entre outros) em que esta é citada, observamos que Maria Madalena ou Míriam de Mágdala foi uma mulher que sempre esteve junto de Jesus como muitas outras mulheres que o acompanhavam na posição de discípulas. Entretanto, quando aprofundamos nossa leitura sobre os documentos que a mencionam, percebemos que esta fora muita mais que isso. Segundo Faria (2004), “duas imagens de sua personalidade foram conservadas no inconsciente coletivo:

⁸³ Idem, ibidem. p. 14-15

⁸⁴ SARAMAGO, op. cit. p. 287

testemunha primeira da ressurreição e prostituta arrependida’, sendo a segunda, segundo ele, “soberana no inconsciente coletivo”⁸⁵, no entanto, por meio de recentes pesquisas sobre esse assunto, observamos que Madalena, além de haver sido uma líder no início do cristianismo, era muito amada por Jesus. Em entrevista à *Revista Galileu*, Frei Jacir, que estuda o início do cristianismo pelos apócrifos, faz a seguinte afirmação quando indagado sobre as possíveis novidades trazidas pelos apócrifos:

Várias. O perfil das mulheres, por exemplo. Maria, mãe de Jesus, não é simplesmente intercessora. E Maria Madalena não era prostituta, mas apóstola e mulher amada por Jesus, além de forte liderança no início do cristianismo. No apócrifo *Pistis Sophia*, ela aparece o tempo todo conversando com Jesus e dando explicações sábias dos ensinamentos do Mestre. O *Evangelho de Filipe* diz que Jesus amava Maria Madalena mais que todos os discípulos e a beijava na boca frequentemente. Os discípulos tinham ciúmes desse amor. É claro que devemos compreender que o beijo no sentido semita tem conotação de “comunicar” o espírito, o saber. O grande pecado de Maria Madalena foi o de saber demais.⁸⁶

Dessa forma, observamos que, ao introduzir em sua obra blasfêmias cruéis capazes de assustar ao tão nobre cristão, Saramago parece fazê-lo pautado em documentos que, mesmo ilegítimos para a tradição, também fazem parte da história do cristianismo. Assim, como tantas vezes já fora mencionado, apoiando-se em fontes relevantes para sua ficção, nosso autor faz uma reconstituição da história “levando o leitor a dar-se conta que, na literatura ou fora dela, ‘estamos fabricando ficções a fim de criar linhas de conduta confiáveis ou até realidades para nós mesmos’”⁸⁷, e que a linha que separa a pretensa cientificidade do discurso histórico e a liberdade imaginativa da ficção é na verdade muito tênue. Ao fim e ao cabo, trata-se do pacto que é estabelecido com o leitor que acata aquela obra como ficção ou como documento, em função da forma como a narrativa lhe é apresentada.

Ao rever o que fora tradicionalmente imposto pela História dos vencedores, Saramago cria uma nova perspectiva de história, esta avaliada realmente enquanto ficção - como aquela que, como “reconstrução de uma realidade que não mais existe, que deixou de ser”⁸⁸, não dá conta de tudo -. Com sua narrativa, não propõe implantar uma verdade única, mas, pelo contrário, busca

⁸⁵ FARIA, op. cit. p. 121

⁸⁶ GALILEU ESPECIAL n° 2 – Cristianismo. *Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica*. Editora Globo – Julho / 2003. p.59

⁸⁷ ROUANET, op. cit. p. 62

⁸⁸ HANCIAU, op. cit. p. 114

apresentar-nos uma ficção que caminha paralelamente com a historiografia com o objetivo de dar um novo sentido a um passado plural, pois um passado que outrora era recontado pelo vencedor, agora passa a ser também revisto pela perspectiva das margens. Segundo Linda Hutcheon (1991), no mundo pós-moderno, “historiografia e ficção são atividades complementares, que se interfertilizam e dividem o mesmo ato de refiguração ou remodelamento da experiência de tempo”.⁸⁹ E Saramago, lançando mão dessa nova ficção historiográfica, traz à tona o diferente, o estranho, valorizando, por sua vez, as extremidades sempre tão privilegiadas pela Nova História.

⁸⁹ HUTCHEON, 1991, p. 120-137, apud HANCIAU, 2001, p.114

4 – AS FIGURAS FEMININAS SITUADAS ENTRE O PROFANO E O SAGRADO

(...) que este casal, ilegítimo por sua própria vontade, não sacramentado na igreja, cuida pouco de regras e respeito, e se a ele apeteceu, a ela apetececerá, e se ela quis, quererá ele.

JOSÉ SARAMAGO

(...) Jesus disse a Maria, Esta vida não te convém, busquemos uma casa que seja nossa e eu irei estar contigo sempre que seja possível, ao que Maria respondeu, Não quero esperar-te, quero estar onde estiveres.

JOSÉ SARAMAGO

Pertencentes ao campo do profano, Blimunda e Maria de Magdala são personagens femininas de José Saramago que, mesmo rotuladas como mulheres-demônio, não deixam de adentrar no campo do sagrado, isso porque, cada qual em seu contexto (a primeira, em *Memorial do Convento* e a segunda, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*), rompem com as barreiras do preconceito “machista-cristão”, questionando a sociedade patriarcal que é mostrada em seus romances.

Saramago, além de colocar em destaque figuras tão desprezíveis para a sociedade de então – tais como uma cristã-nova e uma prostituta – desconstrói a imagem de damas sempre tão respeitadas pela História que nos forma, como a rainha D. Maria Ana (esposa de el-rei D. João V) e, até mesmo, a própria Virgem Maria. Nesse sentido, podemos notar haver nessas narrativas uma grande subversão de fatos, na qual o dito sagrado é apontado com características do profano, enquanto que o conhecido como profano é revelado como aquele que realmente possui as características do sagrado. Mas como?

Em *Memorial do Convento*, ao nos apresentar Blimunda – esta sem dúvida pertencente ao campo do profano – o narrador nos abre um enorme parêntese para descrevê-la como aquela que acompanha a procissão na qual vai sua mãe, feiticeira “condenada a ser açoitada em público e a

oito anos de degredo no reino de Angola”⁹⁰, entretanto, quando o faz, em nenhum momento deixa transparecer o contorno de seu corpo ou como é fisicamente, mas, tão somente, descreve (logo adiante) aquilo que – embora seja do campo da magia – representa sua marca principal: seus olhos que tudo vêem.

Baltasar Mateus, o Sete-Sóis, está calado, apenas olha fixamente Blimunda, e de cada vez que ela o olha a ele sente um aperto na boca do estômago, porque olhos como estes nunca se viram, claros de cinzento, ou verde, ou azul, que com a luz de fora variam ou o pensamento de dentro, e às vezes tornam-se negros nocturnos ou brancos brilhantes como lascado carvão de pedra.⁹¹

Como vemos, Saramago abre um espaço em sua narrativa para falar sobre os poderes sobrenaturais de Blimunda e não para descrevê-la como o objeto de desejo de Baltasar, este, que, quando a vê, impressiona-se com os olhos envolventes que ela tem e não com seu corpo – este que nem sabemos como é. Assim, percebemos haver aí um tratamento respeitoso do narrador em relação à cristã-nova. O que, sem dúvida, não podemos afirmar a respeito do tratamento que o mesmo dá à rainha D. Maria Ana, “que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje ainda não *emprenhou*”⁹² (grifo meu).

Dessa maneira, notamos o quanto Saramago inverte posições já então estabelecidas, manifestando, assim, algo já tão comum em seus romances: a dialética entre o dominador (sagrado) e o marginal (profano), cabendo sempre ao marginal a verdadeira ótica responsável pelo desenvolvimento de seu romance. Assim, nesse romance, muitas características apontadas por Saramago nos levam certamente a perceber o quanto o sagrado e o profano se cruzam no que concerne ao comportamento da mulher-demônio e da mulher virtuosa, esta tantas vezes caminhando junto ao profano e aquela, oferecendo uma outra visão de sagrado. Entretanto, antes de iniciarmos nosso estudo sobre as personagens femininas dessas obras, veremos, primeiramente, como o sagrado pode manifestar-se nas mulheres, principalmente nas ditas marginais.

⁹⁰ SARAMAGO, op. cit. p. 51

⁹¹ Idem, ibidem. p. 53

⁹² Idem, ibidem. p. 11

4. 1 – O sagrado feminino

De acordo com observações de Clément e Kristeva (2001), é muito comum reconhecermos diferentes manifestações do sagrado em mulheres simples, isso porque, segundo as pesquisadoras, a simplicidade nessas mulheres implica uma maior probabilidade de entrega devido à ausência de regras rígidas de comportamento (castração). Para essas autoras, um dos requisitos fundamentais para que o sagrado se manifeste é a falta de doutrinação, isto é, a condição de ser livre de amarras ditadas pelas convenções.

Eis por que na Índia as altas castas mantidas pelos rígidos costumes do hinduísmo são capazes de resistir ao transe; eis por que em Popenguine, “contidas” pela educação de sua ordem, as religiosas africanas não cedem, do mesmo modo que as mulheres dos dignatários no palanque. As que gritam são mulheres sereres, camponesas ou servas.⁹³

Classificadas como histeria ou transe, tais manifestações, quando observadas por Catherine Clément durante um rito católico na África, ocorriam entre mulheres negras que gritavam uma a uma no decorrer da cerimônia religiosa, como podemos perceber no relato abaixo:

Começa a missa. De repente, urros estridentes na multidão: é uma voz de mulher. Logo em seguida, os enfermeiros se precipitam carregando uma maca; descobrem de onde vem a voz, amarram firmemente a mulher que urra e desaparecem. Digo a mim mesma: “Crise de nervos”. Mas aquilo recomeça dez minutos mais tarde. E durante as duas horas da cerimônia, em ritmo regular, gritos de mulheres, enfermeiros, maca, retirada. Mais uma vez. Outra vez. Um estranho fenômeno sagrado irrompe numa cerimônia religiosa.⁹⁴

Nesse sentido, observamos, nesse discurso, uma forte oposição entre o religioso e o sagrado – estes que, para nós, sempre nos pareceram como praticamente sinônimos -, visto que, como nos é exposto, o sagrado, nesse caso, manifesta-se de forma independente (natural, livre), é “um curto-circuito entre a sensibilidade e a razão, em detrimento do entendimento e do conhecimento (...) golpe desferido pela sensibilidade na inteligência”, enquanto que o religioso mostra-se atrelado a uma instituição composta por doutrina e dogmas, “não posso imaginá-lo sem

⁹³ CLÉMENT, Catherine e KISTREVA, Julia. *O feminino e o sagrado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

⁹⁴ Idem, ibidem. p. 11

organização (...) um clero sob a autoridade papal, como no catolicismo”⁹⁵. Enfim, “o sagrado é um acesso imediato ao divino, enquanto que o religioso acomoda um acesso balizado, com mediações previstas para os casos difíceis”. Em outras palavras, enquanto a religião limita o sagrado liberta. E, de acordo com Clément, liberta a doméstica serere explorada em seu serviço (esta que se sente tantas vezes humilhada e explorada pela metrópole senegalesa), pois traz a ela a possibilidade de “uma revolta instantânea que atravessa o corpo, e que grita” – é o transe da liberdade. E ainda acrescenta:

Eu tendo a deduzir, talvez um pouco apressadamente, que elas entram em transe com mais facilidade do que suas patroas. Sim, acredito que a capacidade de chegar ao sagrado pela via fulminante depende positivamente do estado de menoridade, ou da exploração econômica. É preciso que “aquilo” saia de alguma forma, e, faltando a educação, o lugar da expulsão é o do sagrado. Ou do crime. Ou dos dois, também acontece.⁹⁶

Desse modo, tendo por base as considerações dessas duas estudiosas, podemos notar que o sagrado, enquanto elemento que está dentro e não fora dos seres, parece manifestar-se naqueles que se deixam tocar, isto é, encontra brechas naqueles que buscam libertar-se e que, como prisioneiros, estão numa posição desfavorável em sua sociedade. Assim, traçando paralelos entre as observações de Julia e Catherine e as personagens femininas estudadas, podemos perceber o quanto tais mulheres, ainda que mundanas, estão próximas do sagrado. Como as domésticas sereres exploradas por suas patroas, Blimunda e Magdala, além de representarem o feminino em uma sociedade patriarcal, são igualmente exploradas e humilhadas: a segunda por meio da prostituição e a primeira, por ser pobre e cristã-nova. Tal qual as sereres, tais mulheres não possuem um lugar na sociedade, são marginais, e, por isso, assim como as africanas, deixam que o sagrado (enquanto revolta que sai) se manifeste: Magdala, quando reconhece Jesus e o segue como serva e amante e Blimunda, quando deixa de lado convenções e preconceitos e entrega-se a Baltasar e ao sonho de voar. É o sagrado que as liberta! É o sagrado manifestando-se como fuga da realidade e entrega ao sonho. E sobre isso nos esclarece Catherine no momento em que fala sobre os inquisidores que se deixavam intrigar pelos possíveis vãos noturnos praticados pelas feiticeiras – estas que, como acreditavam, deixavam seus corpos e voavam por cima dos tetos

⁹⁵ Idem, ibidem. p. 42

⁹⁶ Idem, ibidem. p. 16-17

fazendo tudo às avessas (“Beijar a bunda do Grande diabólico, enfiar-lhe a hóstia no ânus, sacrificar uma criança viva, esgotar o repertório do anti-semitismo medieval”⁹⁷):

No entanto, essa transgressão não tinha nada de mais... Sair do corpo, embora se faça uma viagem, é apenas sair do ritmo da vida coletiva, estar em vigília em vez de estar dormindo, sair quando tudo está fechado. Mas é também passar para o sagrado, e os inquisidores não queriam saber disso.⁹⁸

Podemos perceber, assim, porque o sagrado está tão próximo das mulheres, estas que, como já fora exposto pelos “manuais”, são mais suscetíveis e crentes – se deixam levar - e, ainda, como acrescenta Julia Kristeva: “Essa aprendizagem da concentração, do domínio meditativo, do recolhimento de si no poder do pensamento em nada parece uma virtude masculina, mas um estado, ao contrário, perfeitamente acessível às mulheres”⁹⁹.

Sendo assim, como as feiticeiras que voavam no século XV, Blimunda e Magdala são mulheres que, contrariando a retidão daqueles que estão do lado “direito”, agem no avesso, isto é, agem como uma minoria que rompe com o estabelecido, pois, “ao voar, as mulheres se refaziam do cotidiano cruel”. Dessa forma, como as domésticas sereres, nossas personagens voam por caminhos novos e ilimitados, isso porque, quando se deixam tocar pelo desconhecido – já que é “preciso mesmo ‘virar do avesso’ para aceder ao sagrado” -, rompem os grilhões do preconceito e da castração, manifestando, sem dúvida, um sagrado estritamente feminino.

⁹⁷ Idem, ibidem. p. 163

⁹⁸ Idem, ibidem. p. 164

⁹⁹ Idem, ibidem. p. 47

4.2 – Blimunda: um olhar especial sobre o sagrado

Com os seus olhos que tudo vêem, Blimunda é uma personagem extremamente marcante no que tange à narrativa de *Memorial do Convento*, isso porque, quando utiliza seus poderes sobrenaturais, é capaz de enxergar não só o que vai dentro das pessoas como o que está no mundo. Desse modo, lançando mão desse olhar especial de Blimunda, Saramago traz para sua trama a questão do ver, porque ela não olha simplesmente (ela vê). É capaz de ir além do olhar, é capaz de observar e ver o que os outros não vêem, pois, como afirma o narrador desse *Memorial*, “este é o dia de ver, não de olhar, que esse pouco é o que fazem os que, olhos tendo, são outra qualidade de cegos”¹⁰⁰, pois “o mundo de cada um é os olhos que tem”¹⁰¹. Vejamos uma passagem em que Blimunda tenta esclarecer a Baltasar o seu dom:

O meu dom não é heresia, nem é feitiçaria, os meus olhos são naturais, Mas a tua mãe foi açoitada e degredada por ter visões e revelações, aprendeste com ela, Não é a mesma coisa, eu só vejo o que está no mundo, não vejo o que é de fora dele, céu ou inferno, não digo rezas, não faço passes de mão, só vejo (...) Que poder é esse teu, Vejo o que está dentro dos corpos, e às vezes o que está no interior da terra, vejo o que está por baixo da terra, vejo o que está por baixo da pele, e às vezes mesmo por baixo das roupas, mas só vejo quando estou em jejum, perco o dom quando muda o quarto da lua, mas volta logo a seguir, quem me dera que o não tivesse, Porquê, Porque o que a pele esconde nunca é bom de ver-se, Mesmo a alma, já viste a alma, Nunca a vi, Talvez a alma não esteja afinal dentro do corpo, Não sei, nunca a vi, Será porque não se possa ver, Será (...) ¹⁰²

Assim, aos poucos, Blimunda começa a penetrar no campo do sagrado, uma vez que, detentora de poderes tão especiais (é capaz de enxergar além), é capaz de alcançar o não visível para os demais – e, sobre a alma, diz: “Nunca a vi” -. Sempre tão questionadora e intrigante, Blimunda cruza os limites da religião, desmitificando, por sua vez, dogmas e doutrinas então consagrados e apresentando, todavia, uma nova forma de interpretar o sagrado. Quando diz a Baltasar que nunca vira a alma, Blimunda rompe com um mito cristão, até porque, se não existe alma, a fé no encontro e na salvação das almas no último dia (dia da ressurreição em que todos –

¹⁰⁰ SARAMAGO, op. cit. p. 77

¹⁰¹ Idem, ibidem, p. 263

¹⁰² Idem, ibidem, p. 75-76

vivos e mortos - serão julgados) é abalada. Do mesmo modo, ocorre quando Blimunda, indo comungar em jejum, vê uma nuvem fechada na Eucaristia, e assim fala a Baltasar:

E Blimunda disse, Esperava ver Cristo crucificado, ou ressurto em glória, e vi uma nuvem fechada, Não penses mais no que viste, Penso, como não hei de pensar, se o que está dentro da hóstia é o que está dentro do homem, que é a religião, afinal, falta-nos aqui o padre Bartolomeu Lourenço, talvez ele soubesse explicar-nos este mistério, Talvez não soubesse, talvez nem tudo possa ser explicado, quem sabe, e, mal foram estas palavras ditas, pôs-se a chuva a cair com mais força, sinal de sim, sinal de não (...)¹⁰³

O que é a religião afinal? Retomemos então o questionamento de Blimunda para pensarmos no que fora sugerido por Saramago nessa passagem. No momento em que se dispõe a ver Jesus na hóstia sagrada, Blimunda observa que, como nos demais homens, naquele pedaço de pão – corpo de Cristo – há somente uma nuvem fechada, “que é a religião, afinal.”. Será que, como considera Baltasar, nem tudo pode ser explicado? Será que, para que se possa manter a fé, é necessário conviver com a interrogação? Ou será que, por haver sido criada por homens, a religião pertença também ao campo dos homens e não somente ao campo de Deus? Saberá padre Bartolomeu Lourenço explicar?

Certamente, encontramos em *Memorial do Convento* outras tantas passagens em que o padre Bartolomeu, Baltasar e Blimunda questionam os dogmas e a doutrina católica, entretanto, vale à pena lembrarmos o momento em que Blimunda e Baltasar, indo ver as imagens dos santos que abençoariam o palácio-convento, fazem observações que contrariam fortemente os dogmas que sustentam a religião católica, já que, enquanto um afirma que as mesmas são somente estátuas, o outro complementa revelando que não seriam santos porque não se salvaram:

Disse Blimunda, Devem ser infelizes os santos, assim como os fizeram, assim ficam, se isto é a santidade, que será a condenação, São apenas estátuas, Do que eu gostava era vê-las descer daquelas pedras e ser gente como nós, não se pode falar com estátuas, sabemos nós lá se não falarão quando estão sozinhos, Isso não sabemos, mas, se só uns com os outros falam, e sem testemunhas, para que precisamos deles, pergunto eu, Sempre ouvi dizer que os santos são necessários à nossa salvação, Eles não se salvaram, Quem te disse tal, É o que eu sinto dentro de mim (...)¹⁰⁴

¹⁰³ Idem, ibidem, p. 126

¹⁰⁴ Idem, ibidem, p. 321-322

De certo modo, percebemos o quanto Baltasar e Blimunda representam o questionamento nesse romance, pois, por meio de suas interrogações, notamos o quanto o autor parece pretender lançar aos nossos olhos perguntas que todavia sobrevivem, isto é, que não têm respostas. Ora questionando, ora fazendo observações que se posicionam contra a doutrina católica, nossas personagens criam uma nova visão sobre a religião, deixando bastante claro o quanto o herético e o sagrado se cruzam no que concerne à conduta dos ditos puritanos (tendo, por exemplo, os autos-de-fé, nos quais penitentes e observadoras chegam ao extremo gozo por conta de chibatadas violentamente dadas). Assim, deixando de lado a hipocrisia, padre Bartolomeu, Blimunda e Baltasar enfrentam o preconceito e a tirania de uma época em que a religião era um símbolo de castração dos sonhos – momento em que os tribunais do Santo Ofício arrancavam lágrimas de sofrimento, prezavam pelo jejum e pela resignação, isso porque “Castigámos a carne pelo jejum, merecemo-la agora pelo açoite. Comendo pouco purificam-se os humores, sofrendo alguma coisa escovam-se as costuras da alma”¹⁰⁵. Em outras palavras, além de utilizar personagens que estão à margem da ideologia religiosa de então (Baltasar e Blimunda não possuem uma religião, seguem seus instintos – são livres), Saramago conta com um religioso que, contrariando sua ordem, tem sonhos que tangenciam a doutrina da qual faz parte.

Desse modo, por meio dos olhos de Blimunda - estes que representam o clarão de uma nova trindade de críticas -, Saramago observa além da fétida fumaça que tomava conta de terras lusitanas, pois, como considera o narrador desse *Memorial*: “Lisboa cheira mal, cheira a podridão, o incenso dá um sentido à fetidez, o mal é dos corpos, que a alma, essa, é perfumada”¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Idem, ibidem, p. 28

¹⁰⁶ Idem.

4.3 – As contradições do casamento em *Memorial do Convento*: o anúncio de uma nova teologia no romance

Pertencentes a classes diferentes, as mulheres representadas em *Memorial do Convento* mantêm relacionamentos amorosos que merecem destaque. Uma, a rainha, que por tanto tempo vivera distante de seu pretendente, este que lhe é apresentado – já como futuro esposo – em uma cerimônia importante e pomposa; enquanto a outra, uma mulher simples, que conhecera seu futuro companheiro em um auto-de-fé e que, nesse mesmo dia, ele a seguiu. Contudo, para maiores esclarecimentos sobre “modos de juntar um homem e uma mulher”, observemos as considerações de nosso narrador:

Há muitos modos de juntar um homem e uma mulher, mas, não sendo isto inventário nem vedemeco de casamentar, fiquem registrados apenas dois deles, e o primeiro é estarem ele e ela perto um do outro, nem te sei nem te conheço, num auto-de-fé, da banda de fora, claro está, a ver passar os penitentes, e de repente volta-se a mulher para o homem e pergunta, Que nome é o seu, não foi inspiração divina, não perguntou por sua vontade própria, foi ordem mental que lhe veio da própria mãe, a que ia na procissão, a que tinha visões e revelações, (...) Outro modo à estarem ele e ela longe um do outro, nem te sei nem te conheço, cada qual em sua corte, ele Lisboa, ela Viena, ele dezanove anos, ela vinte e cinco, e casaram-nos por procuração uns tantos embaixadores, viram-se primeiro os noivos em retratos favorecidos, ele boa figura e pelescurita, ela roliça brancautriaca, e tanto lhes fazia gostarem-se como não, nasceram para casar assim e não doutra maneira, mas ele vai desforrar-se bem, não ela, coitada, que é honesta mulher, incapaz de levantar os olhos para outro homem, o que acontece nos sonhos não conta.¹⁰⁷

Assim, a partir das considerações fornecidas por nosso irônico narrador, podemos notar o quão diferentes foram as formas de casamento entre os reis e os marginalizados. Enquanto que estes uniram-se por amor, isto é, por meio de um encontro de almas, aqueles uniram-se puramente por conveniência política. Desse modo, como podemos então caracterizar essas uniões? Qual delas seria a mais sagrada? Qual delas realmente seria merecedora da benção cristã?

Obviamente Blimunda e Baltasar, aqui representando tantos outros casais humildes do século XVIII, não obtiveram o destaque que a história direcionou aos nobres D. João V e D. Maria Ana, entretanto, nesse *Memorial*, encontrarão o espaço merecido, porque “este casal,

ilegítimo por sua vontade, não sacramentado na igreja”¹⁰⁸ representa a união pelo desejo - um enlace que se dá não só no plano do corpo mas, principalmente, no plano das almas.

Assim ilegítimo e tão distante das convenções, o casal Blimunda e Baltasar faz de sua união um acontecimento que, mesmo próximo do profano, não deixa de ser abençoado pelo mais sagrado dos sentimentos: o amor. Estes, sim, amam-se, admiram-se, respeitam-se, entretanto, o mesmo não podemos afirmar sobre o casal real, uma vez que, enquanto o rei D. João V, solteiro ou casado, espalhava sua semente pelo reino, a rainha D. Maria Ana já apresentava em seus sonhos a presença nebulosa do adultério - visto que, como podemos observar no fragmento abaixo, suas noites eram constantemente assombrados pela figura sensual de seu cunhado, o infante D. Francisco.

São meandros do inconsciente real, como aqueles outros sonhos que sempre D. Maria Ana tem, vá lá explicá-los, quando el-rei vem ao seu quarto, que é ver-se atravessando o Terreiro do Paço para o lado dos açougues, levantando a saia à frente e patinhando numa lama aguada e pegajosa que cheira ao que cheiram os homens quando descarregam, enquanto o infante D. Francisco, seu cunhado, cujo antigo quarto agora ocupa, alguma assombração lhe ficando, dança em redor dela, empoleirado em andas, como uma cegonha negra.¹⁰⁹

Desse modo, percebemos, nessa passagem, uma leve menção ao comportamento/sonho da rainha, de modo que nos parece bastante claro seu interesse recalcado por seu cunhado – esse que vem envolvê-la, pela noite, em seus sonhos. Por outro lado, Blimunda (a Sete-Luas) é aquela que está sempre ao lado de seu marido, Baltasar Sete-Sóis, e, sobretudo, não é por ser designada como Lua, o princípio passivo do Sol (por não possuir luz própria), que deixa de atuar ativamente ao lado de seu companheiro. Blimunda não é passiva ou simplesmente objeto de desejo de Baltasar, mas uma mulher que possui força e opinião – um completa o outro. Ao contrário da rainha que abomina a possibilidade de deitar-se com o rei e relacionar-se com ele (este que cumpre “o seu dever real e conjugal”¹¹⁰), Blimunda e Baltasar unem-se por amor – escolhem-se - unem-se naturalmente por meio de um ritual nada cristão, mas verdadeiramente sagrado para aqueles que se amam.

¹⁰⁷ Idem, ibidem, p. 107-108

¹⁰⁸ Idem, ibidem, p. 73

¹⁰⁹ Idem, ibidem, p. 17

¹¹⁰ Idem, ibidem, p. 11

Aceitas para a tua boca a colher de que se serviu a boca deste homem, fazendo seu o que era teu, agora tornando a ser teu o que foi dele, e tantas vezes que se perca o sentido do teu e do meu, e como Blimunda já tinha dito que sim antes de perguntada, Então declaro-vos casados. O padre Bartolomeu Lourenço esperou que Blimunda acabasse de comer da panela as sopas que sobejavam, deitou-lhe a benção, com ela cobrindo a pessoa, a comida e a colher, o regaço, o lume na lareira, a candeia, a esteira no chão, o punho cortado de Baltasar. Depois saiu.¹¹¹

Com uma leitura bastante atenta dessa passagem do romance de Saramago, podemos observar que este parece retomar algo que fora muito comum na Antigüidade durante uma cerimônia de casamento: a simples presença, enquanto espectador, de um religioso. Numa época em que o casamento era ainda um ato puramente civil, religiosos participavam da cerimônia como meros convidados e assim, como na Antigüidade, Baltasar e Blimunda unem-se por meio de um rito nada cristão e, ainda, contam com a presença de padre Bartolomeu como mero espectador. E, sobre isso, diz Jean Guynon (1985):

(...) não existe na Antigüidade casamento cristão, mas apenas um casamento dos cristãos. A diferença é importante: não há sacramento de casamento mas, segundo o costume antigo, uma cerimônia privada a que a Igreja se associa, inicialmente de modo discreto, depois cada vez mais intensamente. Uma cerimônia privada (...) a celebração realiza-se no domicílio da noiva: na presença dos convidados uma matrona que só tenha casado uma única vez, a *pronuba* (noiva), coloca a mão direita dos noivos uma sobre a outra. Este gesto da *dextrarum iunctio*, (a junção das mãos direitas dos noivos), é o rito essencial (...)¹¹²

Posteriormente, assim como nos é apresentado nos dias de hoje, encontramos uma forte influência da religião no matrimônio ocasionada por padres que insistiam em defender a santidade do casamento, principalmente Santo Agostinho, padre que escreveu muitos tratados teóricos sobre o casamento cristão baseados nos Evangelhos. Dentre as observações de muitos padres que apresentam, por exemplo, a cerimônia de bodas assistida por Jesus como principal trunfo, Santo Agostinho, no seu *Comentário de S. João*, 9, faz o seguinte esclarecimento: “Se o Senhor foi a essas bodas, independentemente de toda e qualquer interpretação mística, foi porque

¹¹¹ Idem, ibidem. p. 54

¹¹² GUYNON, Jean, BERNOS, Marcel, LÉCRIVAIN, Philippe, RONCIÉRE, Charles de la. *O Fruto Proibido*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 58

quis confirmar que é ele próprio que faz as bodas”¹¹³. Ainda, como ele, também encontramos Tertuliano, que afirma a santidade do casamento defendendo que “Onde dois se acham reunidos, está Cristo, e onde Ele está, o mal está ausente”¹¹⁴. Dessa forma, ao estar relacionando a pessoa de Cristo à cerimônia de casamento, a santidade desta é firmemente defendida.

Assim, investindo em pequenas e contínuas inserções no cotidiano social da população e, sobretudo, aproveitando-se da pouca documentação sobre o casamento no Novo Testamento, a Igreja ocupou-se deste sacramento, incutindo-lhe regulamentos moralistas e, principalmente, machistas, como podemos notar nas observações de Guynon (1985) sobre o assunto:

A Igreja em nascimento teve, portanto, que procurar a sua própria via e foi por isso que, por diversas vezes, Paulo salienta que fala com sua própria autoridade e não sob a capa do Senhor. Se passarmos por cima de alguns conselhos muito práticos, o seu ensinamento e o da sua escola (que a tradição recolheu sob o seu nome) reduzem-se, por outro lado, ao essencial: recordar a igualdade de base dos esposos ao mesmo tempo que insiste na hierarquia dos papéis que dá a parte essencial aos homens (...); no entanto, o homem deve dar à mulher o mesmo amor que Cristo dá à Igreja: é a longe meditação da *Epístola aos Efésios*, 5, que constitui, sem dúvida, ao ensaio mais elaborado do Novo Testamento sobre o casamento e culmina na famosa fórmula, geralmente lida em contrasenso, ‘este sacramento (mysterion) é grande’.¹¹⁵

Desse modo, muito se escreveu sobre o que seriam as leis do casamento. Segundo estas, o desejo deveria estar fora da relação entre marido e mulher, uma vez que a mistura sexualidade e desejo “cobre de confusão até o casamento... De facto, por que razão o abraço dos esposos é velado e escondido até aos olhos das crianças a não ser porque não podem realizar a sua louvável união sem uma volúpia vergonhosa?”¹¹⁶. Como primeiro inimigo da boda perfeita, o desejo é aquele que será capaz de desestruturar uma relação e, principalmente, será capaz de abalar aquilo que Santo Agostinho chama de bens do casamento: *proles*, *fides* e *sacramentum*, “os bens do casamento resumem-se, portanto, a três únicas palavras: as crianças, o pacto de fidelidade, a fé jurada”¹¹⁷.

¹¹³ Idem, ibidem, p. 67

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Idem, ibidem, p. 66

¹¹⁶ Idem, ibidem, p. 68

¹¹⁷ Idem.

Proles: o primeiro argumento não tem qualquer fundamento directo na Escritura e remete, de facto, para moral do tempo, moral comum e moral dos sábios (será preciso acrescentar que os Padres – e Agostinho –, tal como os estóicos, não autorizam os maridos a tratar as suas esposas como amantes e que até a procriação é, aos seus olhos, a única desculpa para o prazer sexual?). *Fides*: o segundo tema nasce do encontro entre moral civil e os preceitos evangélicos que censuram igualmente, no século V, a infidelidade conjugal. Só o *Sacramentum* dá, um tom especificamente cristão, não por causa do vocabulário (...), mas pelo seu conteúdo: este juramento celebra uma aliança que nada pode romper, nem mesmo o desejo de ter uma descendência. *Sacramentum* tem prioridade sobre *proles*: a enumeração de Agostinho segue uma ordem ascendente.¹¹⁸

Dessa maneira, ao retomarmos o ritual que encadeia a união entre Baltasar e Blimunda (a troca de colher) – obviamente distinto daquele que acontecia na Antigüidade, já que este é apenas aqui ficcionalizado –, podemos observar que tal passagem parece vir comprovar o que vem sendo ressaltado por muitos estudiosos a respeito do surgimento de uma nova teologia em *Memorial do Convento*, teologia, esta, cuja doutrina rompe totalmente com o dogmatismo cristão no que concerne aos votos matrimoniais. A troca de talher, ou seja, a espera pelo objeto com o qual se alimenta Baltasar, faz com que Blimunda compartilhe com seu escolhido o pão/colher, assim como Jesus Cristo o fez com seus eleitos durante a Santa Ceia. Nesse sentido, da mesma forma que Jesus (campo do sagrado), Blimunda (campo do profano) escolhe seu companheiro, este a segue e a ela se une. E tendo isso acontecido, padre Bartolomeu – nesse momento entre os desígnios do sagrado e a magia do profano – não só os abençoa, como também a seu lar, deixando-os em seguida.

Eis, então, uma nova doutrina. Saramago nos apresenta, simbolicamente, um novo tipo de união, uma união que não se dá somente no âmbito dos corpos, mas, principalmente, que acontece como encontro entre duas almas: “... e tantas vezes que se perca o sentido do teu e do meu...”. De acordo com essa nova doutrina, o matrimônio vem a representar uma comunhão entre almas, ou melhor, a união entre duas pessoas que reúnem em uma só as suas vontades. O que os posiciona, é claro, muito distantes do simples contrato no qual se havia transformado a instituição “casamento” para a nobreza do século XVIII, esta que visava tão somente a reunião de duas fortunas, isto é, uma união baseada na simples convivência social e/ou material.

¹¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 68-69

Ainda a respeito da semelhança entre essa união e o sacrifício de Jesus por seu povo, temos a presença do sangue, visto que, ao entregar-se a Baltasar, Blimunda o unta com seu próprio sangue, assim como fez Cristo para livrar-nos de todos os pecados:

Tomai, comei. Isto significa meu corpo. Tomou também um copo, e, tendo dado graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele, todos vós; pois isto significa meu sangue do pacto, que há de ser derramado em benefício de muitos, para o perdão dos pecados. Eu vos digo, porém: Doravante, de modo algum beberei deste produto da videira, até o dia em que o beberei novo, convosco, no reino de meu Pai.¹¹⁹

Não estaria Blimunda, ao untar o peito de Baltasar, retomando um ato cristão? Não estaria ela, com seu sangue, consagrando sua nova e eterna aliança de amor com Baltasar? Não seria a este casal, assim tão íntimo do profano e tão próximo do herético, que a Igreja deveria reconhecer como legítimo para a religião? Ou, pelo contrário, seria o casamento de arranjo entre o rei e a rainha?

Por fim, e no que se refere à gravidez de ambas, em *Memorial do Convento* ainda encontramos um forte agravante: como Maria, a Virgem Imaculada, Blimunda é fecundada por Baltasar, isto é, pela vontade que se desprende de seu corpo, sem que houvesse mácula, “Então Blimunda disse, Vem. Desprende-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda.”¹²⁰; enquanto que o extremo oposto parece ocorrer com a rainha, uma vez que há uma incógnita a respeito da forma como se deu sua possível gestação – a real responsável pelo acordo feito entre os freis franciscanos e el-rei para construção do convento em Mafra.

Agora não se vá dizer que, por segredos de confissão divulgados, souberam os arrábidos que a rainha estava grávida antes mesmo que ela o participasse ao rei. Agora não se vá dizer que D. Maria Ana, por ser tão piedosa senhora, concordou calar-se o tempo bastante para aparecer com o chamariz da promessa o escolhido e virtuoso frei António. Agora não se vá dizer que el-rei contará as luas que decorrerem desde a noite do voto ao dia em que nascer o infante, e as achará completas. Não se diga mais do que ficou dito.¹²¹

¹¹⁹ Bíblia Sagrada, op. cit (Mateus cap. 26, 26-28).

¹²⁰ Idem, ibdem. p. 347

¹²¹ SARAMAGO, op. cit. p. 26

E terminando assim a passagem, ou seja, sem querer dizer mais sobre o episódio, o narrador fecha o parágrafo deixando-nos uma interrogação sobre a improvável virtude da rainha D. Maria Ana. Ou seja, baseado no não explicado, Saramago lança uma pista que deixa em aberto e suscita a dúvida no leitor.

Sendo assim, brincando com fatos históricos tão importantes para a formação da cultura portuguesa, Saramago burla novamente a tradição produzindo um romance que, ainda que transgressor, traz uma nova forma de interpretar verdades já bastante solidificadas pelo tempo. Lançando mão de uma irreverência já tão apontada por esse estudo, nosso autor penetra pelos caminhos da religião, oferecendo, por meio de sua ficção, um novo roteiro para o seu entendimento, isto é, parece presentear-nos com uma teologia que, mesmo baseada em dogmas oficiais, deixa de lado o sagrado religioso e nos apresenta uma doutrina mais próxima do profano, invertendo a relação entre os dois pólos.

4.4 – Maria de Magdala: a mulher-demônio nos domínios do sagrado

Conhecidamente prostituta, Maria de Magdala, ainda que pecadora para as convenções, é uma personagem que não está à margem do sagrado mas, ao contrário, bem próxima dele. Saramago dá a esta personagem uma maior profundidade em seu romance, uma vez que não a rotula simplesmente como pecadora arrependida, porém a apresenta como amada e companheira de Jesus – como aquela que, além de ser curada, é capaz de salvar.

A participação de Maria Magdala/Maria Madalena, nesse romance, não é de mera espectadora ou simples discípula libertada/curada por Jesus, mas, sem dúvida, ela é a grande impulsionadora da trama, uma vez que, por obra do mero destino, Jesus bate à sua porta -“Quis, porém, o destino que, passando ele pela cidade de Magdala, se lhe rebentasse ali, do pé, uma ferida que andava renitente em sarar, e em tal jeito que parecia o sangue não querer estancar-se.”¹²² - e depois de relacionar-se com ela, aprende o que é liberdade: “Não te prenderás a mim pelo que te ensinei, mas fica comigo esta noite. E Jesus, sobre ela, respondeu, O que me ensinas, não é prisão, é liberdade”¹²³.

E Magdala o liberta, mostra a Jesus os prazeres do amor e da liberdade – sentimentos que, na narrativa de Saramago, jamais havia experimentado. Nesse romance de grandes heresias, esta personagem é a eleita para curar Jesus, pois ele, quando bate a sua porta, procura por alguém que o ajude a curar sua chaga. E ela o curou. E ambos se curaram: ela, da chaga da prostituição e ele, da chaga do desconhecimento de si mesmo. E assim, ambos se encontraram e, a partir desse encontro, conheceram o amor, a união, a confiança, a fidelidade e, principalmente, a liberdade de ser.

O homem que repousava a seu lado era, sabia-o, aquele por quem tinha esperado toda a vida, o corpo que lhe pertencia e a quem o seu corpo pertencia, virgem o dele, usado e sujado o dela, mas há que ver que o mundo tinha começado, o que se chama começar, faz apenas oito dias, e só esta noite é que se achou confirmado, oito dias é nada se os compararmos a um futuro por assim dizer intacto, de mais sendo tão novo este Jesus que me apareceu, e eu, Maria de Magdala, eu aqui estou, deitada com um homem, como tantas vezes, mas agora perdida de amor e sem idade.¹²⁴

¹²² SARAMAGO, op. cit. p. 277

¹²³ Idem, ibidem, p. 284

¹²⁴ Idem, ibidem, p. 288

Prostituta e marginal, Magdala é aquela que traz características de humanidade à história de Jesus. Diferente de tudo que fora escrito pelos evangelhos oficiais, o Salvador aparece na narrativa de Saramago como alguém que, entre outras coisas, necessita de cuidados, enfim, como um homem comum que procura por alguém que lhe alivie a dor, já que “o sangue não dava mostras de parar”¹²⁵. Entretanto, é quando Saramago retoma a passagem do impedimento do apedrejamento da mulher adúltera, que esta personagem se mostra verdadeiramente humana já que, como podemos observar no fragmento abaixo:

(...) por viver Jesus com Maria de Magdala sem com ela estar casado, prostituta que havia sido, ainda por cima, por isso não se devia estranhar que estando uma mulher adúltera a ser apedrejada, conforme a lei de Moisés, e disso devendo morrer, aparecesse Jesus a interpor-se e a perguntar, Alto lá, quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lançar-lhe uma pedra, como se dissesse, Até eu, se não vivesse, como vivo, em concubinato, se estivesse limpo da laca dos actos e pensamentos sujos, estaria convosco na execução dessa justiça.¹²⁶

Desse modo, nosso autor não apresenta uma ficção na qual Jesus aparece somente como um santo capaz de curar, mas, certamente, como um ser humano que, embora oriundo do sagrado, tem sua metade terrenal: peca, sofre, chora, sangra, ama, sorri... vive. E assim, por ironia de nosso autor, é Magdala, por meio de sua sensibilidade feminina, que o desperta para isso: primeiramente, quando o reconhece e o faz perceber quem realmente é - contrariando, desse modo, toda e qualquer expectativa de uma leitura de cunho religioso sobre o romance - e depois quando o faz perceber que, também como humano, é capaz de pecar.

Sendo assim, apesar de convencionalmente pertencer ao campo do profano e, sobretudo, sendo aquela que desperta em Jesus o interesse pelo amor, é Maria de Magdala (a prostituta) que também o desperta para o seu lado sagrado no momento que lhe diz: “Tu não sabes quem és”¹²⁷. E este, como já foi dito, não aparece nesse romance somente como o santo messias que veio para curar-nos de nossos pecados, mas, também, como “aquele que perguntou no Templo, aquele que contemplou os horizontes, aquele que encontrou Deus, aquele que conheceu o amor da carne e nele se reconheceu homem”¹²⁸.

¹²⁵ Idem, ibidem, p.277

¹²⁶ Idem, ibidem, p. 351

¹²⁷ Idem, ibidem, p. 287

¹²⁸ Idem, ibidem, p. 292

4.5 – A prostituta vs. a Virgem

Bastante inovadora, a ficção de Saramago, confirmando sua opção pela transgressão explícita, ignora a santidade daquela que, de acordo com as *Escrituras Sagradas*, fora eleita por sua virtude e obediência a Deus para ser a mãe de Jesus. Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, esse autor opta por dar a uma prostituta uma melhor posição do que aquela que é dada a própria Ave Maria, contrariando, assim, tudo que nos foi ensinado por muitas e muitas gerações. Optando por apresentar sempre a voz dos excluídos, Saramago envolve suas personagens num enredo no qual toda e qualquer heresia é bem-vinda, visto que, nesse romance, Maria de Magdala, a ex-prostituta, possui mais virtudes que a Virgem. Mas como?

Entre outros acontecimentos, um dos mais marcantes para a narrativa de Saramago é o fato de Maria de Magdala reconhecer Jesus como o santo Filho de Deus, enquanto que Maria, sua mãe, quando este lhe revela (a ela e a seus irmãos) seu encontro com seu Pai, não o reconhece como tal.

(...) enfim Jesus disse, deixando cair as palavras, Eu vi Deus. O primeiro sentimento legível nos rostos da mãe e dos irmãos foi de temor reverencial, o segundo de incredulidade cautelosa, depois, entre um e outro, perpassou algo como uma expressão de desconfiança malévola em Tiago, um assomo de excitação deslumbrada em José, um traço de amargor resignado em Maria. (...) Tiago fez uma pergunta, a mais inócua de todas, pura e gratuita retórica, Tens a certeza. Jesus não respondeu, apenas o olhou como provavelmente Deus o olhara a ele de dentro da nuvem, e pela terceira vez disse, Eu vi Deus. Maria não fez perguntas, só disse, Terá sido uma ilusão tua, Mãe, as ilusões existem, mas as ilusões não falam, e Deus falou-me, respondeu Jesus.¹²⁹

Percebemos, então, que, mesmo representando o profano nessa narrativa, Magdala, ainda que mundana, está mais próxima da sacralidade requerida pela religião que a própria Virgem, esta que suspeita da divindade de seu filho quando diz a Jesus: “Estás a dizer horrores e falsidades”, ou mesmo quando afirma: “Não creio em ti”¹³⁰. Diferente de Maria - mãe de Jesus - encontramos Magdala, mulher que em nenhum momento desconfia de Jesus, nem quando o conhece, nem quando este (voltando da casa de sua mãe), por meio de uma passagem que se assemelha muito a um ritual, resolve contar-lhe o que viu:

¹²⁹ Idem, ibidem, p. 300

¹³⁰ Idem, ibidem, p. 302

Estavam sentados no chão, frente a frente, com uma luz no meio, o que sobrara da comida. Jesus tomou um pedaço de pão, partiu-o em duas partes, e disse, dando uma delas a Maria, Que este seja o pão da verdade, comamo-lo para que creiamos e não duvidemos, seja o que for que aqui dissermos e ouvirmos, Assim seja, disse Maria de Magdala. Jesus acabou de comer o pão, esperou que ela terminasse também, e disse, pela quarta vez, as palavras, Eu vi Deus. Maria de Magdala não se alterou, apenas as mãos que tinha cruzadas no regaço se moveram um pouco, e perguntou, Era isso que tinhas para dizer-me se nos voltássemos a encontrar, Sim, e mais quanto me aconteceu desde que de casa saí, há quatro anos, que estas coisas me parece que estão ligadas uma às outras, mesmo não sabendo eu explicar porquê nem para quê, Sou como a tua boca e os teus ouvidos, respondeu Maria de Magdala, o que disseres estarás a dizê-lo a ti mesmo, eu apenas sou o que está em ti.¹³¹

Assim, ao observarmos neste fragmento palavras que nos remetem ao rito bíblico da Santa Ceia, podemos notar a imensa importância que Saramago dá a Magdala, esta que, nessa narrativa, muito antes dos santos apóstolos, come o pão da verdade partido por Jesus. “Agora Jesus já pode começar a falar, porque ambos comeram do pão da verdade, e em verdade não são muitas na vida as horas como esta.”¹³² Não são realmente, pois quando Jesus tentou revelar-se para sua família, esta não acreditou nele (identificou-o como herege ou louco), e com Maria de Magdala, ao contrário, percebeu existir uma grande afinidade, ou seja, reconheceu na confiança de Magdala o caminho para sua verdade.

Por outro lado, subvertendo as escrituras, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, é Maria de Nazaré que aparece como uma mulher simples e não idealizada. Ela é simplesmente “a viúva de um carpinteiro chamado José e mãe de numerosos filhos e filhas”¹³³ e, sendo ainda sua escolha apresentada como obra do mero acaso, dessacralizando a passagem da Anunciação, como podemos notar nessa conversa que manteve Maria com o anjo:

Então Jesus é filho de mim e do Senhor, Mulher, que falta de educação, deves ter cuidado com as hierarquias, com as precedências, do Senhor e de mim é que deverias dizer, Do Senhor e de ti, Não, do Senhor e de ti, Não me baralhes a cabeça, responde-me ao que te perguntei, se Jesus é filho, Filho, o que se chama filho, é só do Senhor, tu, para o caso, não passaste de ser uma mãe

¹³¹ Idem, ibidem, p.308

¹³² Idem.

¹³³ Idem, ibidem, p.15

portadora, Então, o Senhor não me escolheu, Qual quê, o Senhor ia só a passar, quem estivesse a olhar tê-lo-ia percebido pela cor do céu, mas reparou que tu e José eram gente robusta e saudável, e então, se ainda te lembras de como estas necessidades se manifestavam, apateceu-lhe, o resultado foi, nove meses depois, Jesus(...)¹³⁴

Nesse romance, é à Magdala que realmente compete a centralidade da trama, visto que Magdala é “a mulher que, antes de mais nada, amará intensa e humanamente; não a pecadora, ainda que seja mantida sua caracterização como prostituta”.¹³⁵ E além disso, reconhecendo Jesus, Magdala o toma por mestre e segue-o por toda vida, como sua mulher e discípula, quando diz “Maria de Magdala estará ao pé de ti, prostituta ou não, quando precisares dela, Quem sou eu para merecer isso, Tu não sabes quem és.”¹³⁶. E assim, estando junto dele – como homem e como salvador – nunca mais pecou.

Desse modo, nesse *Evangelho*, Jesus teve a seu lado uma mulher que o acompanhou em suas peregrinações de esperança e fé, pregando o perdão, o arrependimento, a vinda do Salvador e o final dos tempos. Com ela, ele descobriu a si mesmo enquanto santo e, principalmente, enquanto homem, aprendendo, até mesmo, a questionar seu Pai, refletindo sobre suas ordens, como o fez quando se deu a morte de Lázaro:

Jesus disse-lhe, Teu irmão há-de ressuscitar, e Marta respondeu, Eu sei que há-de ressuscitar na ressurreição do último dia. Jesus levantou-se, sentiu que uma força infinita arrebatava o seu espírito, podia, nesta suprema hora, obrar tudo, cometer tudo, expulsar a morte deste corpo, fazer regressar a ele a existência plena e o ente pleno, a palavra, o gesto, o riso, a lágrima também, mas não de dor, podia dizer, Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá (...) só falta que Jesus, olhando o corpo abandonado pela alma, estenda para ele os braços como caminho por onde ela há-de regressar. e diga, Lázaro, levanta-te, e Lázaro levantar-se-á porque Deus o quis, mas é neste instante, em verdade último e derradeiro, que Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar.¹³⁷

¹³⁴ Idem, ibidem, p. 311-312

¹³⁵ BRIDI, Marlise Vaz. O Evangelho de Saramago: a Paixão de Cristo em Perspectiva. In: *Saramago Segundo Terceiros*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 1998. org. Lilian Lopondo. (p. 120)

¹³⁶ SARAMAGO, op.cit. p. 287

¹³⁷ Idem, ibidem, p. 428

Como podemos perceber, Jesus deixa de fazer a vontade de seu Pai para obedecer a um instinto seu que, como homem pensante, conseguiu avaliar a vontade desse Deus do poder representado no romance. E com isso, observamos, nessa narrativa, o quanto essa ex-postituta – já tão familiarizada pela religião de nossos pais - deixa de representar o campo do profano para agir no campo do sagrado, desconstruindo-o. Desse modo, ao triunfar Magdala, constatamos a presença de uma nova visão a respeito dos ensinamentos sobre morte e ressurreição, visto que, quando ela o impede de fazê-lo, lança por terra toda base doutrinal da Igreja que prega que o indivíduo deve manter-se longe do pecado para que possa ressuscitar como Jesus. E, para isso, isto é, para que a sabedoria e a sensibilidade prevaleçam, Saramago faz com que esse messias conte com uma figura feminina, que, segundo as concepções religiosas, está no entanto mais próxima do profano do que do sagrado.

E sobre a tamanha insubordinação a Deus, cabe ressaltar, ainda, o momento em que Jesus, posicionando-se também contra seu Pai, resolveu proclamar-se como Jesus de Nazaré Rei dos Judeus, e não como Jesus de Nazaré Filho de Deus, visto que, segundo ele, o filho de Deus seria morto para que a vontade de seu pai fosse feita (a glória e o poder para Deus, pai de nosso Salvador), entretanto, sendo um homem comum – simplesmente nomeado como rei dos judeus, aquele “que andasse a levantar o povo para derrubar Herodes do trono e expulsar da terra os romanos”¹³⁸ -, a vontade daquele não seria realizada:

Entraram enfim em Jerusalém e Jesus foi levado ao conselho dos anciãos, príncipes dos sacerdotes e escribas. Estava lá o sumo sacerdote, que se alegrou ao vê-lo e lhe disse, Eu avisei-te, mas tu não quiseste ouvir-me, agora o teu orgulho não poderá defender-te e as tuas mentiras irão condenar-te, Que mentiras, perguntou Jesus, Uma, a de seres o rei dos Judeus, Eu sou o rei dos Judeus, A outra, a de seres o filho de Deus, Quem te disse que eu digo que sou o filho de Deus, Todos por aí, Não lhes dêis ouvidos, que sou o rei dos Judeus, Então, confessas que não és o filho de Deus, Repito que sou o rei dos Judeus (...)¹³⁹

Tendo Jesus, quando esteve com seu Pai, interpretado que, apesar de sua morte e ressurreição (sacrifício que fora maquinado e pensado por seu pai antes mesmo que nascesse), a humanidade continuaria sofrendo e permaneceria vítima da iniquidade, este, ainda nesse encontro, tentou compreender o que pretendia Deus com tamanho sacrifício, questionando:

¹³⁸ Idem, ibidem, p. 436

¹³⁹ Idem, ibidem, p. 440

Então, diz-me, em nome de tudo o que dizes ser, como será o futuro depois da minha morte, que haverá nele que não haveria se eu não tivesse aceitado sacrificar-me à tua insatisfação, a esse desejo de reinar sobre mais gente e mais países(...) Disse Deus, Haverá uma Igreja, que, como sabes, quer dizer assembléia, uma sociedade religiosa que tu fundarás, ou em teu nome será fundada, o que é mais ou menos o mesmo se nos ativermos ao que importa, e essa Igreja espalhar-se-á pelo mundo até a confins que ainda estão por conhecer, chamar-se-á católica porque será universal(...) O que quero que me digas é como viverão os homens que depois de mim vierem, Referes-te aos que te seguirem, Sim, se serão mais felizes, Mais felizes, o que se chama felizes, não direi, mas terão a esperança duma felicidade lá no céu onde eu eternamente vivo(...) Nada mais, Parece-te pouco, viver com Deus, Pouco, muito ou tudo, só se virá a saber depois do juízo final, quando julgares os homens pelo bem e mal que tiverem feito, por enquanto vives sozinho no céu, Tenho os meus anjos e meus arcanjos, Faltam-te os homens, Pois faltam, e para que eles venham a mim é que tu serás crucificado(...)¹⁴⁰

Assim, observando o diálogo que Saramago, em sua ficção, cria entre Jesus e seu Pai, percebemos o quanto este Cristo – este que será sacrificado pela remissão dos pecados da humanidade – deixando de lado a posição divina, se faz homem pensante e busca questionar a Deus. Sabendo de sua condição de mártir (de Salvador), este indaga ao Pai sobre as condições futuras daqueles que nele crerem e, ainda, chega a considerar evasiva a condição em que permanecerão seus fiéis – estes que terão que esperar até o Juízo Final para saberem se a esperança de viverem no céu (com Deus) é realmente sinônimo de felicidade. No entanto, é quando ressalta que a Deus falta-lhe os homens, que nosso autor, pela boca de Jesus, parece defender uma das principais idéias dentre aquelas que podemos perceber em seu romance: o valor do homem enquanto sujeito, a importância do questionamento humano diante do mundo e a necessidade de desconstrução de idéias já formadas.

E assim é esse Jesus: um homem que, embora divino, não deixa de utilizar sua dimensão humana para refletir sobre as incompreensões suscitadas pelo sagrado. E este, ao lado de Maria Magdala - mulher que o amou e o seguiu, e, principalmente, o identificou como sagrado antes mesmo que este assim se designasse -, traz, por meio desse *Evangelho* de heresias, uma outra visão sobre o mito do Salvador: aparece, verdadeiramente, como aquele que nasceu parte espiritual e parte carnal, visto que, como espírito divino, nasce de uma concepção sobrenatural e

¹⁴⁰ Idem, ibidem, p. 377-379

é capaz de operar a cura e, como homem, conhece o amor ao lado de uma mulher e faz dessa união uma forma de fortalecimento para encarar o mundo.

Dessa maneira, observamos haver nessas obras de Saramago algo que está para além da simples ironia ou do próprio absurdo, vemos, sim, nesses romances, uma iniciativa que busca abolir a figura da mulher enquanto elemento e arma do demônio, uma vez que percebemos nelas uma capacidade de liderança e um senso de direção nem sempre presentes nas mocinhas de contos de fadas ou das sagradas escrituras. Enquanto aquelas são apresentadas como exemplos de boa conduta e resignação diante de desmandos sociais e machistas, nossas heroínas trazem consigo o desejo de viver e libertar-se – conquistas que realizam enquanto sujeitos e não enquanto objetos moldáveis.

Assim, Saramago, por meio da subversão dos fatos, isto é, preenchendo as brechas deixadas pela História com seu olhar crítico ou, até mesmo, utilizando-se das escrituras apócrifas, busca destacar mulheres que, apesar de estarem tradicionalmente posicionadas no campo do profano, exercem liderança no campo da sagrado. Feiticeiras, bruxas, prostitutas ou marginais, as mulheres saramaguianas são mostradas como sujeitos pensantes e livres, provando que, pelo menos nessa ficção, não são meras ilustrações do profano, mas, sim, representantes de um outro lado do sagrado.

5. CONCLUSÃO

A partir da leitura realizada das duas obras de José Saramago, pudemos notar que, tanto em seu *Memorial* como em seu *Evangelho*, este autor destinou à mulher-demônio uma posição bastante distinta daquela que sempre lhe fora atribuída pela ficção tradicional. Ao invés de apresentá-la como mero objeto de desejo, antagonista oriunda das trevas ou demônio em pele de cordeiro, Saramago foi além, deu a essa mulher uma maior densidade psicológica, já que permitiu que sua voz e sua essência fossem mostradas – como fazem muitos historiadores agora interessados pela história das margens.

Assim como Jacques Le Goff, Michelet, Georges Duby e Pierre Nora, historiadores que voltaram-se para a história das mentalidades, Saramago ofereceu-nos, com o *Memorial do Convento* e com *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* – à luz de uma ficção bastante fantasiosa –, uma outra versão sobre histórias bastante conhecidas por nós. Com essas narrativas, pudemos, entre outros fatos, apreciar a história da construção do convento de Mafra com uma maior riqueza de detalhes, como também conhecermos um Jesus mais humano que divino – mitos, lendas e tradições retrabalhados pela narrativa ficcional.

Desse modo, com as contribuições advindas dos pressupostos da Nova História, que se permite investigar de forma inclusiva e não exclusiva, a história ditada pelos dominantes deixou de ser única e, então, hoje podemos contar com aqueles que jamais foram ouvidos, isto é, com os que sempre foram excluídos pelo poder dominante da sociedade patriarcal e cristã: hereges, curandeiros, sonhadores, excêntricos, pensadores e, principalmente, a mulher-demônio (que não se permitia dominar).

Ainda que tenha permanecido por tanto tempo à margem da sociedade, sendo excluída por muitos séculos do convívio com os eleitos, a mulher profana vem sendo estudada hoje por historiadores que se interessam pelos detalhes que as extremidades podem oferecer, uma vez que acreditam que muitos fatos novos podem ser descobertos pelas novas fontes. E assim, como já fora exposto, também Saramago o faz, visto que dá à mulher marginalizada todo o prestígio que outrora pertencera somente à mulher virtuosa e exemplar da sociedade. Com Blimunda e Maria de Magdala, o autor português nos oferece uma outra percepção de mundo, uma vez que faz destas personagens pensadoras em potencial. Em *Memorial do Convento*, Blimunda é aquela que está junto a seu companheiro (união que se dá única e exclusivamente por amor), lutando por um

ideal conjunto e deixando-se levar pelos conhecimentos que ambos tinham de mundo – não faziam parte de uma sociedade hipócrita que não cumpria as próprias regras que ditava e defendia, mas, por outro lado, seguiam sua própria filosofia, esta que possuía regras ditadas pelo amor, pela fidelidade, pela confiança e pelo bom senso. Do mesmo modo, encontramos Magdala em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, que, unindo-se a Jesus, prova que o amor e a confiança podem ser capazes de levar-nos a enxergar melhor o que nos cerca. Magdala é aquela que dá a Jesus a possibilidade de compreender-se como homem e reconhecer-se como Deus, já que, muito diferente do que está registrado nos *Evangelhos* canônicos, quando ela o conheceu, este vinha de uma vida vazia e sem explicações. Jesus era como a própria interrogação em vida: não sabia realmente de onde viera, porque viera e como deveria viver, haja vista os conflitos e pesadelos que herdara do pai.

Desse modo, ao se propor a trabalhar com comportamentos e fatos históricos que por tanto tempo nos foram apresentados sob a ótica do dominador, nosso autor deixa de copiar verdades cristalizadas pelo tempo e passa a fazer emergir interpretações possíveis graças ao estudo das novas fontes, que são por ele retrabalhadas pela narrativa de ficção. Assim, não é mais a mocinha casta e pura que assume a posição de protagonista, mas a mulher sujeito, isto é, a mulher que não se subordina a nada e a ninguém, aquela que sabe o que quer e quem quer, não deixando que as convenções decidam por ela ou a aprisionem em uma redoma de mentiras que a impeça de enxergar a realidade. E esta é a mulher saramaguiana, a mulher livre: livre porque sonha, livre porque luta, livre porque escolhe.

Entretanto, é indispensável recordar que, sendo transgressora, essa mulher sempre fora encarada como uma grande arma do demônio capaz de desestruturar a sociedade religiosa e patriarcal, sendo, nesse sentido, grande alvo de perseguições e, principalmente, castigos organizados pelos centralizadores do poder – fatos que podem ser ilustrados com passagens dessas duas obras: em *Memorial do Convento*, logo no início, temos o momento em que a mãe de Blimunda está sendo expulsa do país por ser considerada uma herege (tendo como castigo o exílio), já em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, temos como exemplo o momento em que Jesus impede que uma adúltera seja apedrejada. Assim, podemos observar que em ambas as narrativas encontramos exemplos de violência contra a mulher que peca contra a lei de Deus e dos homens, estando, dessa maneira, o primeiro castigo respaldado pelas leis inquisitoriais e o segundo, legitimado pela lei atribuída a Moisés.

No entanto, ainda que estas mulheres sejam continuamente banidas do convívio dos eleitos, observamos que, na ficção de Saramago, elas, além de estarem à margem, apresentam uma grande participação nos limites que pertencem ao espaço reservado ao sagrado. Ou seja, ainda que conhecidamente profanas, estas mulheres caminham junto ao sagrado de uma forma bastante particular, já que, ao mesmo tempo que o penetram, desmitificam-no. Ora questionando, ora desobedecendo, o sagrado nessas obras é continuamente tocado e remodelado por mulheres que não permitem que a falta de respostas subestime a inteligência.

Ainda que mundanas, hereges ou marginais nossas personagens rompem com os grilhões da ignorância, estes sempre tão alimentados pela religião, mostrando o sagrado como algo natural e comum, revelando-o, nesse sentido, a partir de uma outra percepção, isto é, com um olhar que não esconde, mas ilumina... provando que o sagrado pode estar em todas as partes, pessoas ou crenças, desde que seja uma manifestação natural e verdadeira, transcendendo a qualquer religião. Tal qual as africanas sereres observadas por Catherine Clément em seu estudo sobre o feminino e o sagrado, Blimunda e Magdala também são mulheres que, em meio a manifestações religiosas e tradicionalmente encaradas como exemplares, de repente insubordinam-se a elas e experimentam seu próprio transe. Desse modo, muito semelhantes às humildes e exploradas sereres, essas personagens também gritam em meio a tanta hipocrisia e mentira sustentadas por uma religião opressora e profundamente misógina. De um lado Blimunda, refletindo sobre o que vê, questionando o que dizem, subvertendo aquilo que consagram; do outro Magdala, acompanhando e auxiliando o filho de Deus como esposa, discípula, amiga e mestra.

Nesse sentido, observamos que há nos romances de Saramago uma grande inovação no que tange à relação mulher / religião. Sempre tão dicotômica e oposta, essa relação nos é mostrada, nesse, romance, de forma bastante diferente, uma vez que, ainda que haja uma forte presença da ideologia misógina tão peculiar aos clérigos ou religiosos pré e pós-cristãos, vemos, no entanto, a presença de mulheres que não se deixam abater ou dominar pelo preconceito, adentrando, sobretudo, por caminhos outrora totalmente fechados para ela. No *Memorial* de Saramago, observamos a participação de uma mulher que nos é apresentada como participando de uma trindade terrestre, trindade esta que viria a sobrepor-se à trindade verdadeira (Pai, Filho e Espírito Santo), uma vez que seria capaz de promover a realização de um sonho jamais alcançado pelo homem: o sonho de voar, alcançar as moradas celestiais – e este sonho, sem dúvida, só seria possível com a ajuda de Blimunda (esta que, em essência, representaria o espírito); no *Evangelho*,

ainda, temos a presença de uma mulher que, acima de todos os outros discípulos e discípulas, é a amiga, esposa e companheira mais amada de Jesus.

Dessa forma, percebemos que parece haver em Saramago uma forte tentativa de conciliar campos bastante opostos, uma vez que, nessas obras, tende a aproximar a heresia e o dogma, o profano e o sagrado, a mulher e a religião. Ao buscar inserir a margem em contextos tão relevantes para a centralidade dominante, nosso autor subverte tradições rígidas e antigas, motivando-nos, assim, a avaliar o quão preconceituosa e cerceadora é a base que sustenta a religião que nos formou.

Tão herética e tão profana, é a mulher-demônio que, nesses romances, nos leva a refletir sobre doutrinas e dogmas baseados numa filosofia profundamente elitista, hipócrita e, sobretudo, misógina, levando-nos a constatar o como foram covardes aqueles que deram à mulher tão dura condição de vida (condição que somos obrigados a reconhecer até os dias de hoje em sociedades de costumes primitivos e também modernos), devido ao medo que mantinham do desconhecido. Sim, assim era a mulher para muitos que a açoitavam, queimavam, repudiavam ou apedrejavam, pois era o desconhecido que causava medo e horror, sendo a mulher a personificação da imperfeita ambigüidade, porque é aquela “que dá a vida e anuncia a morte”, assim como era explicado por aqueles que cultuavam as deusas-mães: “A terra mãe é o ventre nutridor, mas também o reino dos mortos sob o solo ou a água profunda. É cálice de vida e de morte. É como essas urnas cretenses que continham a água, o vinho e o cereal e também as cinzas dos defuntos”¹⁴¹.

Senhora da vida e da morte, senhora da terra e da água profunda, mãe e amante, prazer e infortúnio... para uns o reduto do prazer sem fim, para outros o caminho da perdição, para uns fruta doce e sedutora, para outros espinho maligno e cruel. Sendo assim, Ave ou Eva, Saramago mostrou-nos uma mulher que, acima de qualquer julgamento, agiu como sujeito de sua vida e de seus próprios pensamentos, não deixou-se abater por recriminações, preconceitos ou ameaças – foi o que quis ser, foi aonde quis ir, deitou-se com quem desejou e amou quem escolheu amar. Sem limites para a liberdade, essas mulheres saramaguianas, ainda que pertencentes ao campo do profano, trilharam pelo campo do sagrado, provando que este não está somente no âmbito da religião, do dogma, no sacrifício dos penitentes, mas, principalmente, manifesta-se entre aqueles que realmente se amam e fazem de sua união um laço verdadeiramente sagrado e não um mero

¹⁴¹ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 312.

acordo político e religioso – porque, para Blimunda, sagrado é o amor que ela tem por Baltasar e pela vida, é a batalha que trava em prol da realização de seus sonhos e pela liberdade de todos; e para Maria Magdala, sagrado é o amor que esta sente pela verdade, pela justiça e por Jesus, este que é seu mestre, companheiro, amigo e salvador.

Dessa forma, a partir da leitura que fizemos das obras de José Saramago, podemos perceber que essas mulheres, embora explicitamente situadas no campo do profano, são, por outro lado, personagens que nos despertam para um novo olhar sobre o sagrado. Observamos, assim, um sagrado feminino cuja autenticidade rompe com as barreiras do preconceito machista/religioso e nos permite visualizar uma outra face do sagrado – um sagrado mais plural, sem estamentos sociais, sem dogmas e doutrinas inexplicáveis, contrário à misoginia e mais próximo do homem comum. E assim, notamos nas narrativas de Saramago a intenção de reverter, desconstruir, desmitificar, fazendo no entanto da mulher (essa personagem sempre tão desprestigiada, discriminada e banida dos acontecimentos exemplares da história) sua principal fonte de inspiração para tal, pois é ela que, prostituta ou herege, é a verdadeira força impulsionadora da transgressão de seus romances.

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Emanuel. *O teatro dos vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. 2 ed. RJ: José Olympio, 1997.

ARNAUT, Ana Paula. Viagem ao centro da escrita da subversão à irreverência da(s) história(s). In: *Colóquio de Letras*. Edição e propriedade: Fundação Calouste Gulbenkian. Janeiro / Junho, 1999.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora Globo, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Rabelais e a história do riso. In: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UNB, 1987.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. São Paulo: ARX, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Mágica e Técnica. Arte e Política*. 7ª ed. SP: Brasiliense, 1994

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Maltese, 1962.

BRIDI, Marlise Vaz. O Evangelho de Saramago: a Paixão de Cristo em Perspectiva. In: *Saramago Segundo Terceiros*. org. Lilian Lopondo. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 1998.

BUENO, Aparecida de Fátima. O Evangelho Segundo Saramago. In: *Cânones & contextos 5 Congresso Abralic – Anais*. Rio de Janeiro: 1998.

_____. O Advento de uma “nova teologia”: O herético e o sagrado em o Memorial do Convento. In: *Quinto Império: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa nº 14*. Salvador: Quarteto Editora, 2001.

CALBUCCI, Eduardo. O Evangelho Segundo Jesus Cristo: Entre a Glória e a Blasfêmia. In: *Saramago: um roteiro para os romances*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

CLÉMENT, Catherine e KISTREVA, Julia. *O feminino e o sagrado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIMAS, Antônio. Gregório de Matos Guerra ao português. In: SCHWARZ, R, (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. SP: Brasiliense, 1983.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

- FARIA, Jacir de Freitas. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GALILEU ESPECIAL nº 2 – Cristianismo. *Jesus e os mistérios que a Bíblia não explica*. Editora Globo – Julho / 2003.
- GUYNON, Jean, BERNOS, Marcel, LÉCRIVAIN, Philippe, RONCIÉRE, Charles de la. *O Fruto Proibido*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- HANCIAU, Nubia Tourucô Jacques. *A Feiticeira, Personagem Histórica e Ficcional em Três Escritoras da América Francesa*. (Tese de Doutorado) UFRS, Porto Alegre, 2001.
- HARTHELY, Ana. Anatomia de uma anticarta de amor. In: *O Ladrão Críсталino. Aspectos do Imaginário Barroco*. Lisboa: Cosmos, 1997.
- KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004.
- LARANJEIRAS, Delzi Alves. Interfaces textuais em O Evangelho Segundo Jesus Cristo, de José Saramago. In: *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. v. 22 n 30 jan/jun – 2002.
- LE GOFF, Jacques, LADURIE, Le Roy, DUBY, Georges e outros. *A Nova História*. Paris: Magasine Littéraire, 1977.
- _____, NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Representações diabolizadas da mulher em textos medievais. In: DAVID, Sérgio Nazar. *As mulheres são o diabo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- _____. Mulheres “exemplares” no Orto do Esposo. In: *Rastros de Eva no Imaginário Ibérico*. Santiago de Compostela: Edición Laiovento, 1995.
- MENDES, Fernando e TORRES, João Romano. *D. João V, Rei Absoluto*. Lisboa: Livraria Editora.
- MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. In: KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.
- PAIVA, José Pedro. *Bruxaria e Superstição num país sem “caça às bruxas” 1600-1774*. 2 ed. Coimbra: Notícias, 2002.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

- REAL, Miguel. *Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em Memorial do Convento de José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- ROUANET, Maria Helena. “Em pedaços de encaixar: leitura de Memorial do Convento de José Saramago. In: *Colóquio Letras*. n 101, jan/fev – Lisboa: Ed. Nobar, 1998.
- SANTANA, Olímpia Ribeiro de. Blimunda: a projeção da alteridade do feminino em Memorial do Convento. In: *Quinto Império: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. nº 15. Salvador: Quarteto Editora, 2001.
- SARAIVA, José Hermano. *História Concisa de Portugal*. Publicações Europa-América, 1991.
- SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. Memorial do Convento ou a História da Repressão da Utopia. In: *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- SURBLED, Georges. *Conselho às Raparigas*. Porto: Ed. Educação Nacional, 1956.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)